

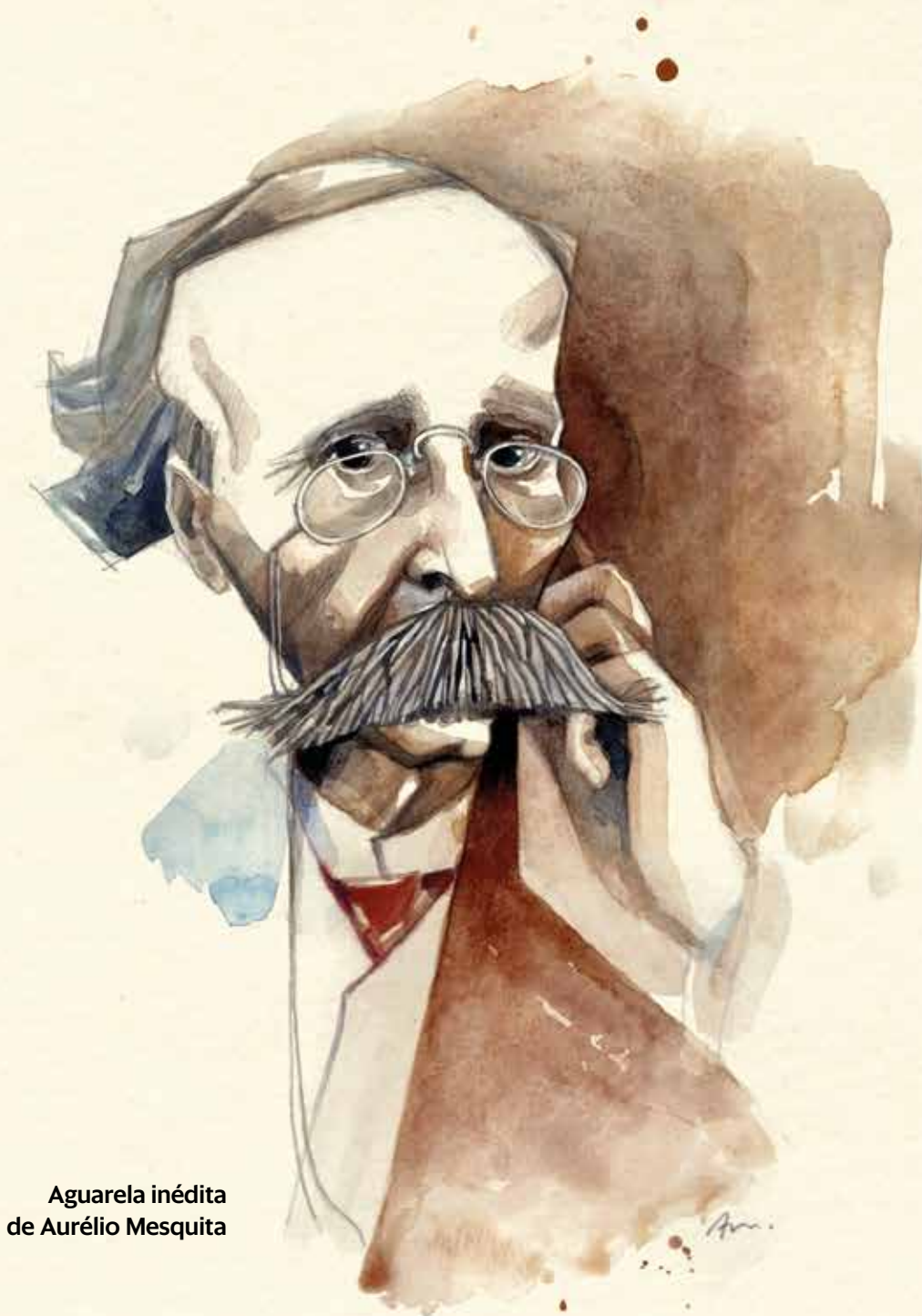
AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Directora: Nassalete Miranda / 12 MAR 25 / N.º 382 / Preço: 2,5 euros / Quinzenalmente às quartas

Publicação de interesse Cultural e Literário reconhecida
pelo Governo Português

EM DESTAQUE // Págs. 3 a 14 "Ciclone do Alfabeto"

Camilo Castelo Branco 200 anos



Aquarela inédita
de Aurélio Mesquita

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764-9.º Esq. 4050-012 Porto
Telf.: 226 063 556 (Custo de uma chamada para rede fixa nacional)
Telm.: 918 035 676 (Custo de uma chamada para rede móvel nacional)
e-mail: artes.entreltras@gmail.com

PUBLICIDADE

Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
Telf.: 226 063 556 (Custo de uma chamada para rede fixa nacional)
Telm.: 918 035 676 (Custo de uma chamada para rede móvel nacional)
e-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA:

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes // **FOTOGRAFIA:** Ângela Velhote
GRAFISMO: Pedro Cunha // **PAGINAÇÃO:** Pedro Cunha

SEDE DE EDITOR E SEDE DE REDACÇÃO

Contactos: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa,
764 - 9.º Esq. // 4050-012 Porto
Telf.: 226 063 556 (Custo de uma chamada para rede fixa nacional)
Telm.: 918 035 676 (Custo de uma chamada para rede móvel nacional)
e-mail: artes.entreltras@gmail.com

REGISTO NA ERC: 125685

IMPRESSÃO

Selec - Artes Gráficas, LDA.
Rua Joaquim Ferreira, 70 - Armazém H // 4435-297 // Rio Tinto
Telf.: 224 854 290 (Custo de uma chamada para rede fixa nacional)
Fax: 224 854 299 (Custo de uma chamada para rede fixa nacional)

Estatuto Editorial disponível no site www.artesentreltras.com.pt

PROPRIEDADE: Singular Plural // **NIF:** 509578942
TIRAGEM: 1250 exemplares // **ISSN:** 1647-290X // **DL:** 435812/17

Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações
sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva; António Vitorino d'Almeida; Carlos Fiolhais;
Francisco Ribeiro da Silva; Helder Pacheco;
Isabel Ponde de Leão; J. A. Gonçalves Guimarães; Levi Guerra;
Lídia Jorge; Mário Cláudio; Maria Luísa Malato; Miguel Cadilhe;
Rui Nunes; Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves; André Veríssimo; Ângela de Almeida; António Ferro;
António José Borges; António José Queiroz; António Oliveira;
António Simões Neto; Armando Alves; Artur Serra Araújo;
Carlos Cabral Nunes; Cristino Cortes; Diogo Alcoforado; Domingos Lobo;
Francisco d'Eulália; Guilherme d'Oliveira Martins; Gomes Fernandes;
Hélder de Carvalho; Helder Pacheco; Isabel Pereira Leite; Isabel Ponce de Leão;
J. A. Gonçalves Guimarães; J. Esteves Rei; Joaquim Saial;
Jorge Castro Guedes; José António Barreiros; José António Gomes;
José Carlos Seabra Pereira; José Vieira; Levi Guerra; Lurdes Neves; M. Luísa Santos;
Manuel Sobrinho Simões; Manuela Aguiar; Margarida Negrais; Maria Antónia Jardim;
Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira; Maria Luísa Malato; Miguel Real;
Paulo Ferreira da Cunha; Ramiro Teixeira;
Rodrigo Magalhães; Rudesindo Soutelo; Rui Baptista; Silvana Pereira

PARCERIAS:



APOIOS:



NOTA

O jornal As Artes entre As Letras,
que ainda não adoptou o novo
Acordo Ortográfico, publica textos
de colaboradores que o aplicam,
respeitando, assim, o original.



Nassalete Miranda
Directora

Entre Sentidos

*“Os que deturpam a verdade, moldando-a
aos seus interesses mesquinhos, ou tripudiam o
ordenamento com interpretações tendenciosas, são
verdadeiros contrabandistas
do foro, mais perigosos do que vulgares
falsificadores, porque
estes traficam mercadorias e assumem o risco da
descoberta, enquanto os outros ofendem os valores
sagrados da Justiça e movem-se com total impunidade.”*
António Arnaut, “Ossos do Ofício”

No próximo domingo, dia 16 deste Março que inquieta o meu País por dentro e por fora, assinalam-se os 200 anos do nascimento de Camilo Castelo Branco.

A edição de hoje do Artes ente As Letras é-lhe dedicada em grande parte e, a exemplo do que estamos a fazer desde Janeiro do ano passado a propósito dos 500 anos do nascimento de Camões, iniciamos a partir de agora a página camiliana – é este o nosso jeito de manter viva a obra de alguns dos muitos que fizeram grande este Portugal que se amesquinha em lutas de interesses onde o “vil metal” impera sobre os valores éticos e morais, a responsabilidade social e política, a decência e o bom senso.

Entre as notícias de um “País que anda dois passos para a frente e quatro para trás”, como costuma dizer o Sr. Abel, nosso estimado e atento leitor, e que me desconcentram das minhas tarefas diárias, ensombrando muitas vezes a esperança que teimo em abraçar como companhia permanente, há todas as outras que não fazem manchetes nos poucos jornais portugueses que restam nem cativam o audiovisual – são as que nos elevam como povo com História feita de brava gente na Literatura e na Cultura, na edificação de Património e na expansão da nossa Língua, hoje a quarta língua materna mais falada do mundo – 260 milhões de pessoas – 3,7% da população mundial. Não é coisa pouca, mas parece não bastar para dela se cuidar!

“Onde Está a Felicidade?” perguntava e continua a perguntar Camilo Castelo Branco no título daquele que foi o seu primeiro romance em 1856 e que li pela primeira vez em 1986. Era Setembro, as aulas iam recomeçar e os meus passos levaram-me até à Livraria Académica. Das mãos sorridentes do nosso (meu e de milhares de amigos e admiradores) Nuno Canavez, o exemplar da obra de que ouvira falar de forma entusiástica o já saudoso Bigotte Chorão. Conhecia o título que não lera até então. Fui agora retirá-lo da prateleira onde o guardo entre “O Amor de Perdição” e “A Queda de Um Anjo”, seguido de “A Corja” e “Noites de Insónia”, que são os que reabro mais vezes para lhe continuar a dar razão nas suas apreciações, sobretudo a propósito da parte não material da sociedade portuguesa, que, querido Camilo, não mudou assim tanto...! Temos automóveis e telemóveis e os “regicidas” agora matam mais lenta e despudoradamente o

futuro. Não vejo, não leio e não oiço palavras de “Amor” que nos conduzam à “Salvação”, mas talvez haja por aí Ricardinas retratadas em discursos enganadores. E... como estão actuais “As Farpas” de Ramalho, as críticas de Eça, o Portugal de Pascoais e esta actualidade dói imenso porque inquina o sonho e mantém a esperança na lista de espera.

José Viale Moutinho, jornalista e escritor, poeta e camiliano de mérito reconhecido, apresenta na próxima sexta-feira o seu “Conversas no Café Guichard” – livro de “homenagem a Camilo Castelo Branco nos 200 anos da sua vida intensa”, no Porto, na sede da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, que o edita.

Zé Viale, recebi um exemplar e cito a contracapa: “Cumprindo Camilo Castelo Branco 200 anos, com o Escritor há também que ir ao encontro do Homem. Assim, ouçamos estas conversas às mesas do velho Café Guichard, à esquina da Praça da Liberdade para a estação de S. Bento, Porto. Ouçamos, então, os seus contemporâneos...” que no livro começam em Alberto Pimentel e terminam em Joaquim de Araújo. Ao todo são 23 os nomes que ali se cruzam com Ana Plácido, Eça, Júlio Dinis, António Sérgio e Oliveira Martins.

Camilo apreciaria, talvez com um olhar semicerrado ao jeito de Dostoiévsky, o sorriso tímido de Victor Hugo ou até mesmo aquele seu ar satírico com que disfarçaria a satisfação. E sim, Zé Viale, Camilo estender-lhe-ia a mão e talvez até a vossa conversa fosse o mote para mais um romance de que o Zé seria uma fantástica personagem camiliana!

Oiço as notícias e fixo-me na “Queda de um Anjo”, 1866. Eis Calisto Elói, o morgado minhoto provinciano, conservador, portador de elevados valores morais que foi convidado para exercer o cargo de deputado em Lisboa e que rapidamente foi corrompido pelo luxo e pela “vida fácil dos seus pares”.

Reler Camilo neste seu romance e nestes dias de Março de 2025, é essencial para repetirmos em voz alta que está tudo na Literatura, só que, lá está, não lêem.... “A Queda de Um Anjo” é uma história sobre a corrupção moral, escrita de forma crítica mas soberbamente divertida. A lição é simples: “O poder corrompe e a ostentação, o adultério e a personalidade de “vira-casacas” são corolários dessa corrupção”.

Até quando, Calistos Elóis...?

Gratidão para o Aurélio Mesquita que desenhou e pintou este Camilo exclusivamente para a edição de hoje e aos nossos inestimáveis amigos e colaboradores: Agostinho Fernandes, A. J. Gonçalves Guimarães, António Leite da Costa, José António Gomes, José Valle de Figueiredo, José Vieira, Maria Antónia Jardim e o meu vizinho da página ao lado, Guilherme d'Oliveira Martins.

A todos, boas leituras em artes feitas!

Em destaque



Guilherme d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

Para o nosso Camilo...

Ao José Viale Moutinho, em solidariedade camiliana

Camilo Castelo Branco é um caso singular na literatura portuguesa. Foi o nosso primeiro profissional da escrita e assim se fez respeitar como um autor aclamado pelo público leitor. A sua produção literária, que continua a ser apreciada, chega aos nossos dias preservando a sua força essencial. Há uma considerável distância no tempo, mas no essencial é a compreensão do género humano que está em causa. É, assim, ilusório o debate clubístico entre os camilianistas e queirosianos. Estamos perante artistas da mesma arte, ambos com um nível excecional, mas dispondo de um perfil radicalmente diferente. Antes do mais, o percurso de vida do autor de *Amor de Perdição* é marcado por vicissitudes que o aproximam dos acontecimentos ocorridos em Portugal no dealbar do liberalismo constitucional, nas suas diferentes vertentes, resistência e incentivos, o que nos permite compreender quer as raízes profundas da sua inserção no país tradicional, quer o confronto com a lógica dos ambientes citadinos.

Camilo encarna, a um tempo, o país fiel às suas tradições e a sociedade que anseia modernizar-se. Veja-se como nos conflitos civis que abalaram profundamente os portugueses e no imaginário subjacente a tais contradições, Camilo faz opções genuínas, até divergentes, indo ao encontro de sentimentos profundos que procuram seguir não só uma continuidade histórica, mas também a consciência popular. Lembremo-nos das apreciações sobre o movimento da Maria da Fonte, verdadeiro levantamento de um conjunto de amazonas de tamanhos, tornado vivo nas memórias do Padre Casimiro, no ano de 1846, onde uma certa saudade articula as componentes paradoxais desse estranho episódio, que constitui matéria-prima para um fecundo manancial romanesco. Dir-se-ia que a reminiscência miguelista, já enterrada há mais de uma década, renasce num outro tempo e num outro contexto, apesar da demarcação evidente, para reconstruir a sociedade nova de constitucionalismo liberal. E assim, concordamos com Hélia Correia quando nos diz que *Maria da Fonte* sobressai, aliás, no conjunto da sua obra pelo modo seguro, diríamos, convicto, diríamos sincero, com

que o autor reúne os seus conhecimentos, as inflexões de estilo, as gradações de orador apaixonado que ora ironiza, ora vitupera, ora se indigna, para com este texto servir a causa do progresso, do liberalismo, do espírito científico” (Prefácio a *Maria da Fonte*, Ulmeiro, 1986, p. 14). E aí deparamo-nos com o formal desmentido da lenda que circulara, e que alimentara, de que Camilo fora lugar-tenente de Mac-Donell. Já quando lemos *A Brasileira de Prazins* deparamo-nos com os ingredientes fundamentais do panorama social, a consideração das contradições políticas e sociais, com a chegada de um falso D. Miguel e a exigência de reparar naquela sociedade um compromisso social que obrigaria a encontrar novos caminhos. E Camilo Castelo Branco é autor e consequência de tudo isso, e sente no íntimo de si os movimentos subterrâneos da comunidade, centrífugos e centrípetos, que constituem fundamento de um panorama narrativo inesgotável.

Com ironia e profundo conhecimento histórico, Camilo Castelo Branco fala-nos de um tempo longo, apreensível nos pequenos pormenores. Veja-se na apreciação da obra histórica de Oliveira Martins, o caso do Mestre de Aviz, que não poderia ser marido legítimo de D. Filipa de Lencastre sem dispensa de votos de clérigo, de que apenas foi libertado quatro anos depois do casamento... Há misteriosas condicionantes que influenciam inesperadamente os acontecimentos. E o romancista conclui na análise da obra que “nesta *História de Portugal* há a largura dos grandes aspectos sociais dados a factos que pareciam pequenos e escurecidos em meio de outros mais característicos”. E o historiador generaliza luminosamente “com uma grande harmonia de plano organizador, agrupando factos desconexos talvez com a cronologia, mas moral e politicamente harmónicos. Em poucos traços essenciais resume-se um período de história, uma anedota, um caso despercebido e sem o selo de notável importância sociológica, tratado (...) consoante o modo familiar de Taine, abre-nos a porta da vida íntima de uma época”, juntando ironia e realismo. E se um crítico disse que a *História* se lia apazivelmente como um romance, o certo é que tal não pode ser levado à conta de um demérito. Contudo, esta *História* lê-se devagar e atentamente, devendo ser me-

lhor entendida e apreciada por aqueles que houvessem colhido uma imperfeita, senão falsa, compreensão da vida portuguesa no estudo das crónicas. E Camilo não se impressiona com as quebras eruditas, já que na obra no seu todo prevalece a argúcia crítica e a visão do conjunto e do fundamental. Se há lapsos seriam de influência nula e outras consultas, “com um grande e malogrado escrúpulo”, não dariam ao autor novos elementos relevantes. E assim descobrimos no genial romancista o leitor atento do poderoso cultor da História com compreensão do essencial das personagens e dos acontecimentos. Probo romancista, bibliógrafo irrepreensível, cultor da língua como poucos, leitor exemplar, comentador dos acontecimentos com sentido prospetivo, conhecedor da História do País e dos seus povos, Camilo Castelo Branco é um caso especial nas literaturas da língua portuguesa, digno de ser exemplo por tudo quanto nos deixou numa escrita viva e atraente, servida por uma panóplia ampla de personagens que caracterizam em termos dinâmicos a sociedade portuguesa, num panorama que abrange o Portugal antigo e o Portugal moderno em cada uma das suas especificidades. Eis a sua atualidade como referência fundamental da perenidade da arte e da literatura. Ao assinalar os dois séculos do nascimento do romancista de Seide e quando se encerram as comemorações do quinto centenário de Camões, é oportunidade para celebrarmos a língua que se projeta no mundo através de quantos fazem da palavra o meio por excelência para afirmação da liberdade, do respeito mútuo, do sentido solidário e de uma vontade emancipadora.

NOTA

O presente texto está desenvolvido no número 218 da revista *Colóquio – Letras*.

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura.

José António Gomes
CIPEM/INET-md, ESE do Porto

Dar a ler Camilo aos mais jovens

Embora não exista um vazio, também não abundam recursos literários adjacentes à obra que coloquem Camilo Castelo Branco (1825-1890) a ir ao encontro de eventuais interesses de leitura dos mais jovens (e falo principalmente dos adolescentes) – interesses que, sobretudo nos dias de hoje, importa despertar e motivar. Impõem-se, mesmo assim, projectos de leitura (i) em torno de uma obra concreta e da quase romanesca biografia do próprio Camilo; (ii) em torno de algum dos bem conhecidos lugares recriados na ficção e noutros textos (Porto, Foz, Candal, Lisboa, Seide, Fafe, Braga, Ribeira de Pena e tantos outros); (iii) sem esquecer a necessária contextualização socio-histórica e cultural do autor e da obra; e (iv) valorizando a disponível filmografia de base camiliana e a existência da dinâmica Casa-Museu em S. Miguel de Seide.

Considerando a extensão, relativamente curta, e o ritmo narrativo, bem como a temática e as características dos jovens protagonistas, *Amor de Perdição* (1862) – a que Camilo chamou “romance” e que, segundo as suas palavras, terá escrito em apenas quinze atormentados dias – contém ingredientes susceptíveis de ir ao encontro de uma normal competência de leitura literária, digamos, de um/a jovem de quinze ou dezasseis anos. Tinha entre catorze e quinze, quando o li, a conselho da estimável poetisa e minha professora de Português, Lucinda Araújo. Outras obras aconselhadas eram, se bem me lembro, *A Cidade e as Serras* e os romances de Júlio Dinis. Aos treze-catorze, já tinha lido nas aulas autos de Gil Vicente, o *Frei Luís de Sousa* e sonetos de Camões, e essa sugestão (não obrigação) e outras tiveram o condão de me libertar das leituras infanto-juvenis e de me despertar para a grande literatura. E estou longe de, à época, ter sido o único.

O que havia, em *Amor de Perdição*, de propício ao desenvolvimento do interesse pela leitura? Talvez o que Jacinto do Prado Coelho (1983: 406) traduziu deste modo, referindo-se à relação de Simão e Teresa: “Esse amor é poesia. (...) Os amantes debatem-se, não contra a diferença de classe ou de riqueza, mas contra o ódio

implacável, só compreensível numa velha cidade de província, entre duas famílias ciosas dos seus pergaminhos. Esse ódio imprime, desde o início, um carácter épico à história, que, aos olhos do leitor de hoje, parece desenrolar-se numa época quase lendária.”.

Já em 2021, na colecção “Clássicos da Literatura em BD”, da Levoir, é possível ler uma adaptação de *Amor de Perdição* da autoria de João Miguel Lameiras, com belíssimo desenho de Miguel Jorge e cores de Patrícia Búzio e Catarina Quintas. A linguagem mista da banda desenhada pode, efectivamente, constituir um precioso recurso num primeiro acesso a certas obras literárias. Saibamos aproveitá-la.

Outro exemplo de narrativa susceptível de agradar a adolescentes é *José do Telhado* (Edinter, 1990). Extraído do segundo volume do extraordinário *Memórias do Cárcere* (1862), o capítulo no qual se apresentam as aventuras e desventuras do salteador José do Telhado, até ao momento do seu degredo para terras de África, é um bom exemplo da prosa inconfundível do autor d’*A Corja*, marcado mais uma vez por toda uma paixão que se faz vertigem narrativa.

Resultado dos contactos mantidos entre Camilo e o “facínora” (durante o período em que esteve preso com Ana Plácido na Cadeia da Relação no Porto, na sequência do processo de adultério desencadeado, em 1860, por Manuel Pinheiro Alves), o capítulo XXVI do segundo volume das *Memórias do Cárcere* apresenta-nos uma imagem do temível salteador do Douro, trabalhada pela linguagem ficcional (uma figura que, já nos séculos XX-XXI, viria a fascinar também Agustina Bessa-Luís, tão devedora ela própria de Camilo). Aí vamos descobrir, de novo, alguns dos tradicionais valores românticos que se encontram nos retratos doutros protagonistas do romance camiliano, como o heroísmo individual, o empolamento emocional, a transformação repentina das situações pessoais e uma exaltação dorida do sofrimento e da marginalidade. Tudo isto surge temperado pela habitual ironia camiliana que, ao vergastar a mesquizez, a ingratidão e o preceituário so-



FOTO: DR



cial, abre caminho à remissão do herói: “Este nosso Portugal é um país em que nem pode ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam à craveira dos ladrões de outros países! Todas as vocações morrem de garrote, quando se manifestam e apontam a extraordinários destinos. (...) Diz algum tanto como exemplo desta lastimável anomalia a história de José Teixeira da Silva do Telhado, o mais afamado salteador deste século. Vulto de romance não o tem, porque neste país nem se completam ladrões para o romance. (...) Aqui anda sempre o gume do prosaísmo a podar os rebentões da natureza, mal eles infloram” (pp. 13-15).

Na edição que estou a comentar, uma nota final de Francisco Martins, a somar ao prefácio de Joaquim Matos, ajuda a situar esta pequena narrativa na obra do seu autor. As ilustrações de qualidade, executadas – creio – a aguarela e imbuídas de treva, a par do grafismo de Tiago Manuel vêm igualmente valorizar a justa autonomização em livro deste texto de Camilo, no ano, 1990, em que se assinalavam os 100 anos da sua morte. Assim se colocava à disposição do público mais jovem, e de não iniciados na escrita do novelista de Seide, um texto capaz de abrir uma via para um conhecimento mais aprofundado da sua ficção.

Fá-lo também, mas de outro modo, a obra *Camilo Castelo Branco – Amores de Perdição* (Lisboa: Pato Lógico e Imprensa Nacional, 2024), uma biografia para jovens em nove capítulos, escrita por duas experimentadas autoras de narrativa juvenil, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, e iluminada por ilustrações sugestivas e de traço moderno, de Jorge Margarido.

Quanto a *A Máquina do Tempo do Professor Candeias* (Funchal. Imprensa Académica, 2021), é uma divertida narrativa de cunho fantástico, e final surpreendente, para jovens, com ilustrações de Sofia Reis, em que José Viale Moutinho (profundo conhecedor da vida e da obra de Camilo) glosa o clássico dispositivo da viagem no tempo, numa máquina inventada pelo professor Candeias, a qual permite ao velho (mas enérgico) professor Nascimento transportar-se para a

época do autor de *A Brasileira de Prazins* e para o seu espaço de eleição, na última fase da vida: a casa de S. Miguel de Seide. Aí convive com o escritor, com Ana Plácido, com o filho Jorge e com outras figuras como a do biógrafo Alberto Pimentel. Nascimento conta, depois, a Luís, outro professor (ou quase) muito mais novo, as histórias deste convívio, a par de diversos episódios (alguns pouco conhecidos) da vida de Camilo. Há, por isso, um jogo de alternância das vozes narrativas que, juntamente com a vivacidade do contar, os diálogos, os episódios insólitos e a graça de algumas passagens, tornam aprazível a leitura. Com a vantagem de se revalorizar o Camilo poeta e o seu sentido de humor, e de colocar na sua boca frases e expressões extraídas dos seus textos. Uma secção cronológica final sumaria o essencial da vida e da obra do autor de *Romance de Um Homem Rico*.

De referir, por último, como recurso para um projecto de leitura em contexto escolar, as sessenta páginas de *Os Caminhos de Camilo* (Porto: Areal, 1990), de Maria do Carmo Cruz, profusamente ilustradas com fotografias – útil roteiro topo-crono-biográfico, para recorrer a uma expressão de David Mourão-Ferreira (1990).

Na minha história como leitor de ficção portuguesa, três únicos autores são capazes de me fazer rir (e não apenas sorrir, como Eça): são eles Mário de Carvalho, Aquilino Ribeiro e... Camilo Castelo Branco. Saibamos explorar também esta vertente do riso na escrita camiliana (a que Viale Moutinho aliás alude). Será, certamente, uma preciosa motivação para a leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coelho, Jacinto do Prado (1983), *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, 2.ª ed., Lisboa: IN-CM.
Mourão-Ferreira, David (1990), “Através deste livro poderá entreabrir-se...” (texto de badana), in Cruz, M.ª do Carmo, *Os Caminhos de Camilo*, Porto: Areal.



Maria Antónia Jardim

escritora e especialista em Psicologia da Arte

Camilo e Jane Austen

Ricardina

A obra *O retrato de Ricardina* (1868), de Camilo Castelo Branco (1825-1890), mostra em seu enredo como a sociedade portuguesa no século XIX não dava às mulheres os mesmos direitos dos homens. A trama descreve um período de transição entre o absolutismo e o liberalismo, o que ocasionou muitos conflitos. O livro indica aspectos vivenciados por gerações femininas com atitudes e jeitos diferentes do comportamento que era esperado para elas. Algumas delas submetidas à ordem patriarcal e outras não, ainda que todas sofressem opressão da sociedade. Não era opção fugir dos costumes da época, todavia, a Mulher tentava encontrar maneiras de reagir ao sistema controlador.

Ricardina é dona de uma primorosa beleza, qualidade que se repete em várias passagens do texto camiliano, além de atestada por outras personagens e pelo próprio narrador. Interessante é que essa imagem de beleza e formosura é focalizada sempre em relação a um mesmo tempo – a adolescência –, de modo a parecer que a personagem vence as intempéries da passagem dos anos, como ressalta o narrador: “Aos trinta e três anos, D. Ricardina Pimentel, formosura inquebrantável a golpes de paixões tantas e tão variadas, esteve a morrer de enfermidade do coração...”. Ou, ainda, como observa a sobrinha Matilde ao ver a tia “tão nova e bonita”, a ponto de não lhe dar mais que 30 anos. Nesse aspecto, o texto deixa ver os laivos românticos: se a heroína fosse vítima da morte seria por razões do coração, morte de amor e não de enfermidade física. É essa imagem de Ricardina, a imagem perfeita da mulher amada – bela e formosa – que Bernardo parece querer fixar quando pinta seu retrato, tal como a conheceu: “(...) o pintor, à luz da noite, e nas madrugadas convidativas da inspiração, espelhava o coração na tela, reproduzindo sempre as poucas variantes do mesmo motivo... Esta criança, sempre a mesma e inalterável na fidelidade das feições angélicas, era Ricardina”. Esse retrato pintado, Bernardo levava-o ao peito, guardado em medalha de ouro da qual nunca se separou.

O escritor faz de Ricardina o símbolo



FOTO: DR

de uma geração feminina que sofria com a opressão da sociedade. Escolheu ir para um convento ao invés de se casar com alguém que não queria, fugiu do convento com seu amado, de quem engravidou. Entretanto, foi para o Brasil com uma senhora que lhe ofereceu abrigo, já que não tinha o apoio da família, e sofreu perseguição de seu pai em grande parte do livro. Note-se que no século XIX as mulheres não tinham o mesmo direito que os homens e, às vezes, o destino delas não era feliz. Atente-se que as personagens femininas de Camilo mostram a falta de autonomia e a dependência da família e do marido. O facto de que as donzelas ricas tinham que se submeter ao casamento forçado, arranjado pelo pai, ou do contrário seguir vida religiosa no convento, mostra as marcas do absolutismo da época.

E *Emma*?

Como quase todos os romances desse período (o final do século XVIII e o início do século XIX), *Emma* trata do que constitui o comportamento adequado de mulheres e homens. No que diz respeito à feminilidade, é bastante interessante observar a linha bastante tênue que as mulheres têm de obedecer. Uma mulher não podia falar demais, nem falar de menos; não podia sentir demais, nem sentir de menos. Segundo Claudia Johnson, em virtude do surgimento do conservadorismo na Inglaterra durante a Revolução Francesa, torna-se cada

vez mais difícil para as mulheres serem representadas expressando seus sentimentos e vontades. Isso é observado em *Emma* diversas vezes, mas sobretudo ao final, quando Emma por fim se depara com seus sentimentos.

Todavia, Emma ocupa uma posição diferenciada em relação às outras heroínas de Jane Austen porque tinha um futuro assegurado, com dinheiro mais do que suficiente para manter-se confortavelmente quando seu pai idoso partisse. É isso que permite que Emma, moça metida a casamenteira, afirme que ela mesma não se casaria – afinal, diferentemente do que acontecia com a maioria das jovens mulheres, para ela o casamento não seria uma imposição nem um modo básico de sobrevivência numa sociedade profundamente machista.

O que une ambas as heroínas e os seus criadores?

O contexto epocal: século XIX. O papel da mulher nessa mesma sociedade e a função do casamento como solução para qualquer mal familiar; pecado original ou económico...

Retratos de um Feminino racional e emocional, que desafia orgulhos e preconceitos, de um Feminino libertador e agente do seu próprio destino que apontam para um caminho hermenêutico-ético, para a evolução pessoal do sujeito e transformador da própria moral vigente.

Quer Camilo, quer Jane Austen criticam as restrições impostas às mulheres, enquanto também destacam a diversidade de reações e comportamentos femininos dentro desses limites. As duas personagens são rebeldes e apaixonadas, ousam enfrentar a sociedade patriarcal que as oprime e as relegam à domesticidade sob o jugo de maridos impostos. Tanto Ricardina quanto Emma, com os seus dilemas, escolhas e reflexões, são representações magistrais de mulheres que desafiavam as normas sociais de suas épocas, personagens que continuam a cativar e inspirar leitores ao longo do tempo pela sua complexidade, inteligência e determinação em moldar seus próprios destinos.

J. A. Gonçalves Guimarães
historiador

Camilo a bicentenarizar-se

Desde o tempo das *selectas* no liceu que os da minha geração têm ideia do que são coletâneas de textos ditos fundamentais. Muitos intelectuais as organizaram e editaram. A ideia era um pouco a da montra do joalheiro: por algumas joias à mostra, mas dando a entender que haveria muito mais na loja; com a vista das da montra ficaríamos com vontade de querer também observar as que havia no armazém. No caso das seletas literárias, com as *joias* de catervas de autores, os comentários que nas aulas se faziam ficavam-se pela divisão das orações, a adjetivação, as metáforas, a escola literária, o estilo e outras especificidades da gramática, raramente da linguística, *jamaís* do alcance filosófico, ideológico ou social e muito pouco das circunstâncias da produção do texto, da biografia do autor. Quando esses textos versavam questões históricas (ou de outras sabedorias...), nunca a sua assertividade era questionada face aos conhecimentos devidos às respetivas ciências. Por isso ainda hoje correm por aí textos muito retroativos com afirmações tiradas da erudição de outros tempos, falseada ou nebulosa sobre matérias de há muito explicadas ou esclarecidas pelos historiadores, mas que os seus empíricos leitores, os mitómanos ou os preguiçosos teimam em divulgar e a embandeirar em arco como verdades eternas. Como estamos em ano camiliano, peguemos em dois pequenos exemplos de erudição historicista via literatura, que hoje só com muita nota de pé-de-página se aturam, e lidos no exato contexto literário em que foram produzidos.

Em 1865, no seu romance *Onde Está a Felicidade?*, um dos cinco em que o autor se serviu do cenário gaiense para contar as venturas e desventuras das personagens, Camilo Castelo Branco (1825-1890) descreve assim o lugar: «Sabem onde é o Candal? É essa pitoresca colina, que se levanta por detrás das ruínas dum castelo, donde Gaia, a formosa moira, espreitava a frota do godo, seu querido roubador, segundo a mitologia deste maravilhoso torrão do Ocidente. Como estendal de fadas, de longe branquejam as risonhas casas, olhando soberbas para o Porto, com o garbo de camponesas, frescas e toucadas de flores, sem inveja aos peristilos de pórfido, aos mosaicos das alterosas paredes, às opulentas gradarias de bronze.

De cada quebrada do monte sobranceiro rebrantam jorros de água argentina, que se desenrolam sobre a imensa alcatifa de esmeralda, que vem do sopé dos edifícios, tão límpida, a sujar-se nos becos imundos de Vila Nova, taverna, que dá vinho para todo o mundo, asquerosa como nenhuma outra taverna no mundo. Fugamos aqui para o alto. Lá, sim. De cada copa de madressilva julgais ver, rociada de orvalho, surgir uma dríade, encostada à urna das águas, que rumorejam entre os silvados. O poeta sobe de lá nos êxtases do idílio a todos os céus da imaginação rejuvenescida. Os cânticos de Sintra, cantados de cá, parecem seus. Os amores famosos de dois poetas, que além choraram, Bernardim e Camões, concebem-se aqui, explicam-se, entram no espírito como um quinhão de dor suave, e da saudade lúcida dos amores de outro tempo. Não sabeis o que é o Candal se não o vedes assim». Neste texto o escritor distingue o lugar do Candal do lugar do Castelo de Gaia, contíguos, mas diversos, certamente por bem os ter conhecido; e por isso também sabe que é neste último que se materializam as mitologias locais, sobre as quais baralha uma lenda antiga que terá conhecido na versão popular ou na do Romanceiro de Garrett, a qual inventou uma moira chamada Gaia. E atente-se no contraste entre a limpidez dos altos, comparáveis à romântica Sintra, e a imunda taverna de Vila Nova «que dá vinho para todo o mundo». Como sabemos, na própria vida do escritor não faltaram “altos” nem “baixos”.

Poucos anos antes, em 1862, um outro escritor “camiliano”, Teixeira de Vasconcelos (1816-1878), publicara em livro o folhetim *O Prato de Arroz Doce*, onde também dá largas à sua erudição sobre Vila Nova de Gaia e respetiva mitologia: «... extasiando-se na descrição da ponte, nas recordações religiosas e militares da serra do Pilar ou nas memórias românticas do Castelo de Gaia e de Ramiro II de Leão. Outro escritor, mais confiado na paciência alheia, esmiuçará o foral dado a Vila Nova pelo *Bolonhês* e confirmado por D. Dinis e D. Manuel, lembrará a *Cale* de Antonino e o *portucale castrum vetus* de mais moderna data, contará a sanguinolenta legenda de Santa Liberta, e, excedendo Victor Hugo na história e geografias dos canos de Paris, conseguirá adormecer o mais desperto portuense an-

tes de chegar à quarta página. Outros tempos outros costumes. Era antigamente a erudição ornato obrigado de todo o género de escritura... Hoje as recordações eruditas são no caminho da leitura incómodos calhaus que maltratam os pés do viandante e lhe retardam a jornada». Para além das baralhões sobre os forais e as precedentes povoações de *Cale* e *Portuscale*, refere a exótica lenda da “santa barbuda”, ainda hoje venerada na igreja do Bom Jesus de Gaia, a qual em tempos recentes no Reino Unido sob a denominação gaélica de Saint Kunmernis, destronou o machista São Valentim como padroeira das namoradas lésbicas. Hélas! Voltaremos a esta lenda que por aqui se acoitou.

Estes *pot pourri* historicistas aparecem amiudadamente em muitos textos desta época, pois todo o escritor que então se prezasse, ainda que a descrever o campo e os camponeses, os males do corpo disfarçados nos de inventadas almas, e os da sociedade atribuídos ao desgoverno do destino, não deixava de meter nas suas prosas alguns «calhaus» com dispensa de outros canteiros ou escultores.

Para Eça, mesmo sendo Camilo «pelos seus amigos e discípulos louvaminhado e turibulado», ele era «... o grande homem do Vocabulo, esteio forte da Prosódia, restaurador da Ordem gramatical, supremo arquiteto das frases arcaicas, acima de tudo castiço, e imaculadamente purista! E ainda mais na intimidade, os amigos de V. Ex.^a o celebram como o homem *que melhor sabe descompor o seu semelhante!* E isto tão obstinadamente murmurado ou clamado, que esta geração nova, para quem já vou sendo um velho e V. Ex.^a quase um fantasma, não tendo como eu e os do meu tempo rido e chorado sobre os seus livros de paixão e de ironia, o imaginam a V. Ex.^a um intolerável caturra, de capote de frade, debruçado sobre um sebento Léxico, a respigar termos obsoletos para com eles apedrejar todos os seus conterrâneos!» (Eça de Queirós, *Carta a Camilo Castelo Branco*, julho de 1887; nunca enviada).

Estando Camilo a desafiar-nos para lhe festejarmos o segundo centenário, fiquem-se por agora com estes admiráveis «calhaus literários», que nos próximos tempos por aí virão mais alguns.



António Leite da Costa
ensaísta

Camilo, amigo de Luís de Camões

Desde muito cedo travou Camilo contacto com a obra de Luís de Camões, pela mão sabedora do Padre António de Azevedo que possuía uma edição de *Os Lusíadas* na sua modesta biblioteca paroquial e lhe ensinou os primeiros versos e abriu o espírito para esta obra fundamental da cultura portuguesa. Por isso, o nome de Luís de Camões, muitas vezes acompanhado de citações poéticas, aparece abundantemente referido em vários romances de Camilo, desde *Anátema*, de 1851, *Coração, Cabeça e Estômago*, de 1862, *A Queda de um Anjo*, de 1866, *A Bruxa de Monte Córdova*, *A Doida de Candal*, *O Senhor de Paço de Ninães*, todos de 1867, *Os Brilhantes do Brasileiro*, de 1869, *O Carrasco de Victor Hugo José Alves*, de 1872, *As Novelas do Minho*, 1875-1877, *Eusébio Macário*, de 1879, *Brasileira de Pra-zins*, de 1882, a *Vulcões de Lama*, de 1886. Mas não apenas nos romances. Também no *Cancioneiro Alegre* e *Os Críticos do «Cancioneiro Alegre»*, ambos de 1879, e na *Questão da Sebenta*, de 1883. Isto, sem falar nas suas crónicas e meros artigos jornalísticos. Convém ainda não esquecer que lhe coube a edição das *Poesias e Prosas Inéditas* de Lobo Soropita, em 1868, que é, como sabemos, o compilador das *Rimas* de Camões, que publicou em 1595, com um preâmbulo da sua autoria, embora só na edição de 1616 a autoria desse preâmbulo lhe fosse efectivamente atribuída.

Camilo Castelo Branco traduziu e prefaciou o *Dicionário Universal de Educação e Ensino*, de Émile Mathieu Campagne, publicado por Ernesto Chardon em 1873, distribuído em cadernetas, e para o qual redigiu um verbete sobre Luís de Camões. Foi também para a mesma editora portuense que Camilo redigiu um texto sobre o autor de *Os Lusíadas* que serviu de prefácio à sétima edição do poema *Camões*, de Almeida Garrett, em 1880. Este «Estudo sobre Camões (Notas biográficas)», assim titulado, saiu, ainda no mesmo ano em folhetim autónomo, com o mesmo título editado por Ernesto Chardon, e foi posteriormente integrado na *Boémia do Espírito* (1886), com o simples título de «Luís de Camões». É, sem dúvida, a prosa mais conhecida de Camilo dedicada a Camões, pois figura na edição das obras completas de Almeida Garrett publicadas pela Lello e Irmão - Editores, embora acrescentadas de notas de Teófilo Braga.

Contudo, não podemos esquecer outros

textos sobre a mesma temática, embora de desigual extensão e valor. «Petrarca, Luís de Camões e Faria e Sousa» foi publicado originalmente na primeira página do jornal *O Atlântico*, n.º 10, de 13 de Junho de 1880. «Milagres de Talento» saiu no suplemento do *Diário Ilustrado*, 10 de Junho de 1880. «Justiça a Todos», também no suplemento do *Diário Ilustrado*, em 1880. Em 1882 foi integrado na miscelânea *Narcóticos*, com o título de «Camões e os sapateiros». «Se Camões gastou algum património?» publicado em *O Amigo do Povo*, 10 de Junho de 1880. «Em que veias gira o sangue de Camões» integrado em *Noites de Insónia*, 1874. Falta referir «O Maior Amigo de Luís de Camões», inserido em *Cenas Inocentes da Comédia Humana*, 1862, que considero o mais interessante, depois do preâmbulo ao poema de Almeida Garrett, e sobre o qual tecerei breves notas. Há uma edição moderna de todos estes textos feita por Alexandre Cabral, que as recolheu num só volume, enriquecida com um prefácio da sua autoria, e a que deu o título de *Camões* (O Oiro do Dia, Porto, 1981).

«Matias Salazar nasceu no último quartel do século passado, em Lisboa.

Era seu pai um professor de gramática latina, idólatra de Horácio, e mais ainda dos nossos escritores clássicos, sobretudo de Luís de Camões.»

Assim começa Camilo Castelo Branco a biografia do «maior amigo de Luís de Camões» e da sua estreita relação com a obra e a vida do nosso épico. E acrescenta: «O velho Salazar legou a seu filho Matias as melhores edições venezianas dos clássicos latinos, e a camoniana ainda incompleta.» O filho, nas palavras de Camilo, recebeu a herança paterna e a paixão camoniana que o acompanhou durante toda a vida.

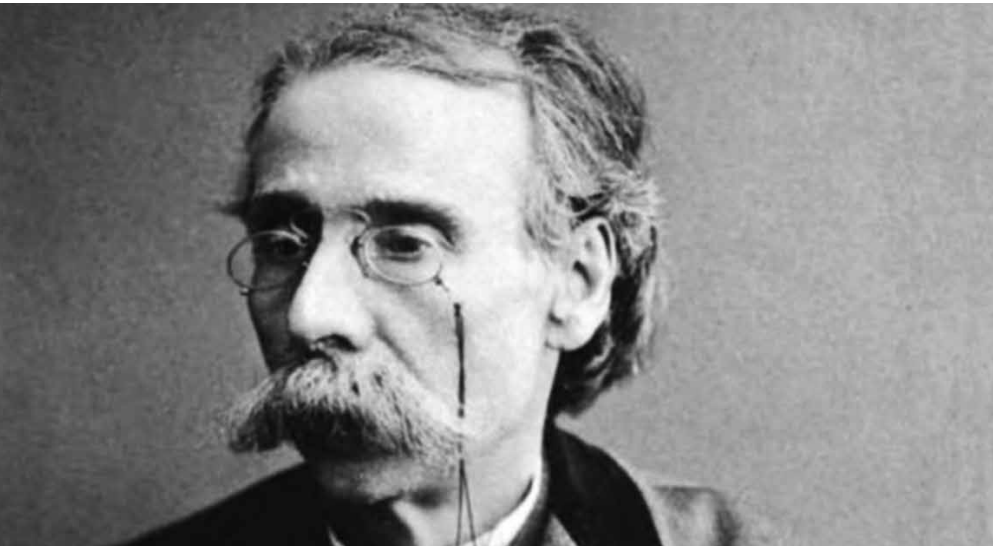
Vivia, no entanto, com imensa modéstia, recolhendo os parques proveitos que lhe advinham das lições que ministrava a alguns jovens e que gastava, quase sempre, mais na aquisição de obras camonianas do que nas inevitáveis despesas da casa. Foi por isso alvo da cobiça de outro amante das obras de Camões que lhe quis comprar a camoniana. Resistiu. Mais tarde, teve o apoio de um discreto benfeitor que, inclusive, lhe arranhou um emprego numa repartição pública. Durou até 1834. De forma inesperada, surgiu-lhe então, finalmente, a sorte que tantos anos lhe fugira. Um cônego, seu

parente, possuidor de uns bens em Trás-os-Montes, morreu em Lisboa e deixou-lhe uma herança que o confortou nos últimos anos de vida.

E se, inicialmente, se ocupava, na esteira do que fizera seu pai, em acrescentar algumas notas à edição de *Os Lusíadas*, do licenciado Manuel Correia, de 1613, obra que lia e relia, a partir de agora já poderia aumentar a sua camoniana com menos sacrifício. Mas, muito antes, em 1811, sofreu o nosso amigo Matias Salazar um forte abalo com a publicação de *Reflexões Críticas sobre o Episódio do Adamastor n'Os Lusíadas*, de José Agostinho de Macedo, em que este frade acusava, injustamente, Camões de plágio em relação à criação da figura do Adamastor. Mas não se ficou por aqui. No mesmo ano saiu, da sua autoria, o poema *Gama*, com que pretendia rivalizar – e superar – o poema camoniano, logo refundido, em 1814, em *O Oriente*.

Encheu-se de júbilo, certamente, com a resposta de Pato Moniz – *Exame analytico e paralelo do Poema Oriente do R. do José Agostinho de Macedo com a «Lusíada» de Camões*, Lisboa, 1815 – e de D. Francisco Alexandre Lobo, «Memoria histórica e critica acerca de Luiz de Camões e das suas Obras» in *Historia e Memória da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo VII, Lisboa, 1821. E, se bem que não cite expressamente estas obras, demonstra tê-las conhecido e manuseado com grande satisfação e alegria. Maior alegria ainda teve ao ler – e, provavelmente, adquirir também, na altura com algum sacrifício – a *Agostinheida*, famoso poema herói-cômico, em 9 cantos, escrito por Pato Moniz e impresso em Londres em 1817. Ouçamos o que nos diz, a propósito, Camilo.

«Com que prazer, porém, Matias Salazar não leu a *Agostinheida*! Aí era engenhosamente biografado o frade com mordente sátira, e verberado por láttega de mão que sabia onde estavam as fibras mais doridas! Salazar decorou os relanços mais sarcásticos, para os andar declamando a quem lhe pagava a canseira com estríduladas risadas, com as quais pensava ele vingar bem vingado o seu Camões. Promiscuamente declamava ele a prosa faceta d'«O Gigante Adamastor Vingado, ou o Gama convertido em Gamelada» apologia de Camões e severas palmatoadas que estoiravam sacrílegas nas mãos do frade.»



Poucos anos depois, outro grande momento de alegria ao ter o primeiro contacto com o poema *Camões*, de Almeida Garrett, publicado em Paris, em 1825 e reeditado em Lisboa em 1834. O alvoroço foi enorme, pois só a palavra Camões lhe provocou um indiscreto entusiasmo, não obstante, dizer o poeta que não tinha consultado nem Horácio nem Aristóteles, palavras que Matias Salazar, cultor e professor de estudos clássicos, não perdoaria a ninguém, excepto a quem soube defender o seu amado Camões e projectá-lo além-fronteiras.

A morte de Camões, local e modo como faleceu, tem sido motivo para muita discussão, pois pouco se pode saber de ciência certa, dada a falta de documentação em que os estudiosos se possam firmemente apoiar. À margem de um exemplar de *Os Lusíadas* está escrito por Frei José Índio monge de Guadalaxara, que o viu morrer – a Luís de Camões – num hospital e sem um lençol que o cobrisse. Esta afirmação ganhou foros de veracidade, sobretudo no período romântico, e serviu de inspiração a Domingos António de Sequeira com *A Morte de Camões*, pintura que expôs, em 1824, no *Salon* parisiense do Louvre. No texto do respectivo catálogo dizia-se textualmente: «Grande homem prostrado pela doença e pela mais horrível pobreza». Mas não é a única versão pictórica que há deste funesto acontecimento. Não conheceu naturalmente Camilo o quadro de F. Monteiro (António Firmino Monteiro), *Camões no seu Leito de Morte*, pintura a óleo sobre tela de linho, datada de Paris, 1883. Na descrição do quadro deste pintor brasileiro vemos Camões no seu leito de morte, com a mãe, Ana de Macedo, de costas, ajoelhada e amparada à cama, perante o olhar de um amigo que compungido e respeitoso o contempla e um sacerdote, ainda com o livro sagrado com que rezara as últimas orações não totalmen-

te fechado, tendo atrás de si monges que se retiram conduzindo o viático e entoando salmos e preces das antífonas consagradas aos fiéis defuntos. Luís de Camões jaz numa cama de alvos lençóis e colcha de seda. O local parece(?) o Convento de Santa Ana. Outra visão romântica que, neste caso, escapou ao nosso Camilo Castelo Branco. (Cf. Manoel Ferreira de Castro Filho, *Camões no seu Leito de Morte*, Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, 1972)

Ora Matias Salazar ficou também satisfeito com a sugestão que António Feliciano de Castilho fez, em 1835, à «Sociedade de Amigos de Letras» de exumar os restos mortais do grande Poeta. Havia aqui, logo à partida, uma dificuldade acrescida, pois não se sabia com rigor o local da sepultura de Luís de Camões. Camilo, porém, ultrapassa essa questão e diz-nos que Matias Salazar pôde, mais tarde, «a furto, curvar-se sobre a suposta e já proclamada sepultura do poeta, tomou com mão convulsa uma vértebra daquela osada, e escondeu-a com avara sofreguidão, e religioso temor». Não foram assim só as obras literárias que colecionou mas também, embora parte minguante, algo do corpo físico do próprio poeta...

Tema igualmente explorado com bastante interesse e pormenor foi a desafortunada paixão de Luís de Camões por D. Catarina de Ataíde, assunto que, aliás, tratou noutros locais e que, neste texto, desenvolveu com grande cuidado. Termina com certa graça citando a opinião do Visconde de Juromenha – cuja obra, recentemente publicada, deste modo refere – que põe em dúvida o verdadeiro sentido da confiança de D. Catarina de Ataíde a Frei João do Rosário e o comentário deste sobre o assunto. Diz Camilo: «Eu, por minha parte, inclino-me à opinião que o leitor quiser, respeitando muito a rejeitada».

Já velho e cansado chegou a Matias Salazar a notícia de que se ia levantar uma estátua a Luís de Camões e o Rei D. Luís ia bater a primeira pedra do monumento. Achava que o sítio mais conveniente para esse monumento era o Campo de Santana. Mas não foi assim. O local aprazado, após muitas sugestões entretanto desfeitas, foi o Largo das Duas Igrejas, também conhecido por Largo do Loreto. Assistiu, no dia 28 de Junho de 1862, às três da tarde, amparado a custo junto de uma janela e vestido a rigor em homenagem ao seu maior amigo, à passagem do monarca para o local da cerimónia. Foi a derradeira vez que esteve espiritualmente na presença de Camões.

Desconhecemos se sabia, ou sequer se lembrou das vicissitudes que antecederam a inauguração da estátua de Luís de Camões, no dia 9 de Outubro de 1867, a que naturalmente já não pôde assistir – no largo que passou a ter o seu nome –, estátua da autoria de Victor Bastos, com pequenas alterações sugeridas pelo engenheiro Pedro José Pezerat e aceites pelo escultor. Em 1818 discutiu-se onde ficaria melhor o monumento (Belém, S. Vicente, S. Domingos), tendo António Feliciano de Castilho proposto, em 1836, a criação de uns *Campos Elisios*, com o túmulo e uma estátua do nosso épico – projecto do arquitecto João Maria Feijó e do escultor Francisco Assis Rodrigues –, na Penha de França ou em Nossa Senhora do Monte. Em 1844, voltou a relançar a ideia. Entretanto, Almeida Garrett sugeriu, em 1838, que o túmulo de Camões fosse em Santa Maria de Belém, recolhendo o exemplo do modelo britânico de Westminster, como um *templo de fama*.

Camilo Castelo Branco aproveitou este conto para nos transmitir a vivência camonianiana oitocentista, precisamente até 1862, não esquecendo os melhores lances, a favor ou contra Luís de Camões. Matias Salazar deu-nos, através do texto camiliano, o evoluir da presença camonianiana na cultura e sociedade portuguesa de então, e o culto e paixão, não tenhamos medo das palavras, que existia pelo grande épico português.

Peçamos, por isso, ao próprio Camilo que encerre esta singela homenagem, com as palavras que ele mesmo escreveu noutro texto – «Em que veias gira o sangue de Camões» –, que faz parte das *Noites de Insónia*.

«Falta dizer que Luís de Camões deixou um filho que não se reproduz, e é imortal: chama-se *Lusíadas*».



Agostinho Fernandes

Mataram a cotovia, digo... “Acácia do Jorge”

Recuso-me a acreditar no que chegou até mim pelas mais diversas formas como se de alarme se tratasse, informando que a mais que famosa “Acácia do Jorge” tenha sido decepada e cortada por estar velha e morta, mesmo à entrada da Casa do Mestre em S. Miguel de Ceide. E claro que lá fui de imediato, mas todas as provas estavam bem aplanadas e disfarçadas, com desaparecimento total da árvore das proximidades, talvez a mais famosa de Portugal. Aqui tem de haver mistérios... que esta casa sempre pareceu assombrada... como sublinhou Amândio César que tive a honra de conhecer por mão de Benjamim Salgado.

Depois do incêndio em 1915 da Casa e fixado na cabeça de todos o que Camilo deixou como epitáfio, ela que tantas vezes, como todos nós, teve as suas crises e maleitas, enflorando sempre como pressagiara o Escritor, não deixa de ser paradoxal no mínimo e justamente no ano do bicentenário do grande escritor Camilo Castelo Branco, 1825-2025, e depois de o seu último diretor, o único conhecido que foi em vida afastado e que não por doença ou reforma, esta é para mim a 3.^a maior tragédia naquela Casa, depois do suicídio em 1890 e do calamitoso incêndio.

Não sei quem foi o verdugo nem qual a marca da motosserra que até poderá ser negociada pela CM para uma certa e golpista publicidade a seu favor mas na década de 80, meia alquebrada já e aparentemente frágil e quase estilhaçada, desloquei-me a Ceide com o saudoso Eng.^o Queiroga e um Eng.^o silvicultor e técnico agrícola de Cabeceiras de Basto para abordar o problema e fazer o diagnóstico sanitário. Encontrou-se forma de atacar o mal e as feridas e por mais de 40 anos ela continuou a vicejar e florir até hoje, como vaticinara Camilo.

Nos fins de Verão e Outono muitas árvores como que adormecem, depois de dar os seus preciosos frutos, sacudindo as folhas e hibernam aparentemente até aos clarões aquecidos da Primavera, surpreendendo-nos, como dizia o Mestre, entre as auras de abril/maio, com toda a sua borbulhagem, vivacidade e esplendor e,

portanto, ou ela já definhava há tempos e era urgente o agir ou, então, esperar pelo INEM... ou Saúde 24... e foi assim, possivelmente, que tudo aconteceu, entre tanta desatenção!... ele que as classificava de “as árvores minhas amigas”... enquanto as acariciava, chamava de companheiras e agradecia as suas sombras e frutos, ia até ao Bom Jesus para respirar e aí por 1875/76 escrevia... “A minha vida é sentido debaixo de uma acácia...”, a árvore ao pé das escadas e onde o Jorge se empoleirava e tocava flauta. E claro que era a árvore mais famosa entre nós, ao lado da de José Saramago junto ao nobre edifício de Januário Godinho, que recordou os avós Josefa e Jerónimo quando ali plantou aquela cerejeira em flor que desponta também nas mesmas auras, em visita que fez a VNF e à Casa de Camilo com Pilar del Río após o galardão Nobel, acompanhado do Presidente e amigo José Manuel Mendes, ilustre Presidente da Associação Portuguesa de Escritores e com o insigne escritor e poeta Salvador Coutinho como convidado e que fez a exaltação do Nobel no salão nobre da Câmara Municipal. Passada que foi a certidão de óbito e a motosserra do senhorio da casa não a deixou morrer de pé, como costumam querer morrer todas, eu que já a referenciava desde os meus 15 anos em visita que fiz à Casa de Camilo em bicicleta com alguns amigos de Joane e gostava periodicamente de a visitar. Velha amiga inspiradora, portanto!... e toda a minha indignação. Eu próprio magico e ando e cirando, remirando qualquer árvore de meu jardim quando deambulo na sua proximidade e hesito uma e outra vez sobre a melhor forma e tempo de a podar ou tratar. Uma árvore é como um adolescente em vias de chegar em 20/30 anos à vida adulta, podendo nós espatifar essa força da Natureza em poucos minutos. Ninguém tem esse direito de o fazer, naturalmente. Há quem ande por cá umas boas dezenas de anos e nem tenha olhos abertos.

Mesmo assim, e vejo que foi mesmo, não me conformo pelo seu abate e falta de sensibilidade e senso por parte dos cangalheiros e magarefes, informando alguém que ela teria ainda rebentos no

seu envelhecido caule, um verdadeiro fenómeno que Camilo registou e chegou, contraventos e marés, até nós, por exemplo, no famoso ciclone de fevereiro de 1941 que levou muitos telhados mas ela, esgrouviada como o dono, nem mexeu.

Este ato suicida repete a tragédia do Mestre e do incêndio de sua Casa e não pode ficar impune perante os famalicenses e os Camilianistas de todo o mundo. A explicação urbi et orbi aguarda-se em conferência de imprensa e tudo, podendo ser dispensado o verde de honra e o foguetório do costume. É em alturas como esta e outras de igual calibre entre nós que me passa logo na cabeça aquela frase abominável de Eça quando repete que “este país é uma choldra”. Não gosto e acho que o permanente escarninho elitista e quase doentio do autor dos Maias não o justifica, sendo VNF o que é e ponto, irritando-me solenemente estes gestos e atos de aberrante promiscuidade, totalmente irracionais e desadequados... apesar de muitos precedentes no centro da cidade em diversos sítios, senador Sousa Fernandes, av. de França e agora o bestseller da estupidez. Parabéns!...

Em Guernica, aquela cidade mártir dos arredores de Bilbao e que o genial Picasso imortalizou pelas barbaridades de Franco e Hitler, existe hoje ainda em redoma de vidro o que resta de uma famosa árvore, um carvalho, árvore adorada pelos antigos celtas e debaixo da qual os povos bascos realizavam as suas assembleias e tomavam as suas decisões. Era uma árvore igual a muitas, mas carregada de simbolismo e valores e, após a guerra civil de 1936-39, as autoridades locais conseguiram edificar o que ainda hoje pode ser visitado e venerado e, pasme-se, tenho comigo uma folha do velho carvalho queimado, oferta do meu grande amigo basco Salvador Ondárroa, que ao oferecer-me me disse: “Esta é a melhor lembrança que um basco te pode oferecer pela sua amizade”. Que gente é esta?... apesar de tanta sabença, títulos e ares de “gravitas”... e tudo?!...

Ora bem, antes de a decapitar, arrancar, destruir, cortar aos bocadinhos... queimar?... não teria havido esta ideia tão simples, ajustada e óbvia por parte de alguém com massa cinzenta do Município ou da Universidade, nós que temos um professor doutor e cientista e investigador na Câmara Municipal e também na Casa de Camilo... mas o senhor diretor já tinha sido afastado e penso que tal não aconteceria de certeza absoluta pois que sobre a sua idoneidade, forrada de competência, sensibilidade e bom senso, conhecia-o muito bem, o Professor Aníbal Pinto de Castro de saudosa memória e que sendo ele um Professor catedrático de Coimbra e responsável até à sua morte pela Biblioteca Joanina, ia dizendo que era dos que mais sabia sobre Camilo depois de Alexandre Cabral e estaria preparado para ser o seu sucessor... ele que também fraquejava nos últimos tempos como a saudosa e eterna “Acácia do Jorge”...

Se ela morreu teria agora mais de 153 anos... uma data bem bonita para a deixar de pé e até mesmo pintar de vermelho ou outra cor, rosa ou branco, como as árvores mortas mas vivaças ainda do parque da Devesa há tantos anos idealizado e desejado para que constasse e com ou sem vidro ou campânula... para poder continuar-se a evocar sempre a telúrica “Acácia do Jorge” coisa que agora não tem o mesmo significado e impacto em termos históricos e camilianos... procedendo-se à sua natural sucessão/substituição por descendente da família que a renove por ato de eterno retorno que a substitua, continuando-se em vão a dizer e a proclamar que era a “Acácia do Jorge”... coisa que ela não é!... apesar de agradecer penhoradamente aos zelosos e bem avisados funcionários que tiveram em tempos o talento de a prolongar no tempo... fazendo enxertia ou alporque de sua saudosa mãe Acácia/Robínia... e tê-la feito medrar até estar já bela e primaveril que o sítio é bom e resguardado de tempestades e ventos frios!

Dito isto... nada, mas nada, me sossega nem tranquiliza. Demos-lhe uma Casa, mesmo que assombrada, ele que nunca

a teve, mas o ex-libris que a cobria foi pior que o incêndio e a tempestade de 1941 que quase a vergou... tendo aparecido os novos inquiridores do reino como fazendo parte daqueles “109 impávidos marotos!” tecnocratas sem alma e “professores doutores ignorantes” que tiveram tempo para chamar o INEM mas resolveram o problema à sua maneira... executando-a de vez, pois, às tantas, já está queimada ou, então, cortada em pequenos amuletos tipo fósforo para ser vendida como recordação única da Casa de Camilo nos 200 anos de seu nascimento. Maior desfaçatez e crueldade a par de analfabetismo espiritual não há.

Vão todos para o inferno!... Visto que já se enquadrava naquele seu livro “Scenas da hora final”, de 1872, apesar de dedicado à morte do seu filho Manuel Plácido, como se sabe, mas agoirento o suficiente para pressentir mais desgraças... que acendem a chama da cólera, bem próxima do sagrado direito à indignação perante o que é indigno, como me ensinou o mon ami... Mário Soares nos 100 anos do seu nascimento, em 1924.

Ficareis tristemente na memória como sendo aqueles miseráveis coveiros como Dráculas sanguinários de opa negra ou batina que deram os passos para o desejado cadafalso final... ao som da sinfonia fantástica de Berlioz... por incompetência, péssimos senhores, inimigos das árvores e arboricidas, broncos piores que pedras, medíocres e vazios, rostos pálidos de sioux e navajos, insensibilidade e queda de todo o estado de alguma graça... que o rei vai nu, tal e qual o anjo transmontano de Caçarelhos que perdeu a alma em Lisboa como deputado!... por outras razões, claro!... O Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda... de A queda de um anjo.

Quod non fecerunt barbari, fecerunt barberini!... digo, Passini... ou Petrini, venha o diabo e escolha entre os Strozzi ou os Medici!!!

“Camilo Castelo Branco, 200 anos depois”

O Congresso Internacional “Camilo Castelo Branco, 200 anos depois” é um dos pontos altos das comemorações do bicentenário do nascimento do escritor preparadas por Vila Nova de Famalicão e vai reunir dezenas de especialistas nacionais e internacionais no Centro de Estudos Camilianos, em Seide, principal pólo de investigação e preservação da obra e legado do romancista português.

O congresso acontece nos dias 14, 15 e 16 de Março, estando as inscrições abertas até ao primeiro dia do encontro, na página oficial da Casa de Camilo (www.camilocastelobranco.org).

Estão previstas 22 conferências protagonizadas por conceituados investigadores, oriundos de universidades portuguesas e de países como o Brasil, os Estados Unidos da América, a Roménia e o Reino Unido, que estarão em Famalicão para reapreciar o vasto legado camiliano e o importante valor da obra deste grande escritor português do século XIX.

A sessão de abertura está marcada para a manhã do dia 14 de Março (9h30), estando prevista a presença do presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Mário Passos, do presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, António Cunha, e da ministra da Cultura, Dalila Rodrigues.

Além das conferências, terão lugar momentos culturais após o encerramento dos trabalhos, nos dias 14 e 15 (sexta-feira e sábado). No primeiro dia haverá um serão musical pelo Divisi Quartet, que irá apresentar arranjos e transcrições presentes nas obras de Camilo Castelo Branco, com início às 21h30. Já no segundo dia, pela mesma hora, terá lugar uma visita orientada à Casa de Camilo, com apontamento musical na Casa dos Caseiros por Cristina Petrescu. Nos dias 14 e 15, nota ainda para a realização da Feira de Edições Camilianas, no local do congresso.

No último dia do congresso, a participação nas actividades previstas é facultativa e carece de inscrição prévia. Haverá uma visita orientada à exposição permanente “Torre Literária – Louvor e Simplificação da Literatura Portuguesa” na Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, seguindo-se um almoço com ementa camiliana. O Congresso Internacional “Camilo Castelo Branco, 200 anos depois” está acreditado pelo Centro de Formação de Associação de Escolas de Vila Nova de Famalicão (CFAEVNF), como curso de formação de 20 horas, para professores de grupos específicos. Os interessados devem proceder à inscrição (obrigatória), através do sítio oficial da Casa de Camilo ou do Centro de Formação (<https://www.cfaevnf.pt/course/3937>).

Recorde-se que a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão está a assinalar, ao longo de 2025, o bicentenário do nascimento de Camilo Castelo Branco com inúmeras iniciativas – exposições, teatro, cinema, música e publicações literárias –, “tendo em vista a preservação e a transmissão do seu legado e a conquista de novos leitores das suas obras”.

Destaque ainda para o Prémio Literário Camilo Castelo Branco, que se encontra com candidaturas abertas até ao dia 16 de Março, com um prémio pecuniário no valor de 7500 euros, que será atribuído à melhor obra literária escrita em português, por autores do espaço lusófono. [Regulamento: www.famalicao.pt/premio-literario-camilo-castelo-branco]



José Valle de Figueiredo
poeta

A modos de Camilo estar de volta

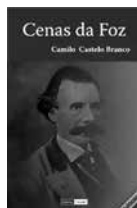


JoseValleDeFigueiredo-foto

É como se pertencesse ao nosso ADN... De Camilo, claro, é de Quem estamos a falar... Volta meia volta, vem ter connosco e nós vamos ter com Ele...

Como agora, que estamos a celebrar os duzentos anos do Seu nascimento.

Como estamos aqui mesmo, a paredes meias, chamamos o nosso homenageado para começar por nos dar conta das suas “CENAS DA FOZ”, lembrando também, obras e lugares que não se ficaram por aqui e nos encaminham para uma geografia mais completa.



“Eu não costumo obter por com os paladares depravados pelas iguarias à francesa”, escrevia Camilo ao seu amigo José Joaquim Freire de Andrade.

E acrescentava:

“Todo o meu intento, embora mal desempenhado, tem sido posto na descrição dos usos e costumes da nossa terra, antepondo à nota de recreativo a satisfação do verdadeiro, dando a todas as novelas, um colorido de verosimilhança”.

Aqui na Foz, por onde andava?

Como não tinha lugar certo onde ficar – tanto poderia ser em casa do seu amigo Arnaldo Gama, como no Hotel da Boa Vista ou no Hotel Mary Castro – o certo é que não perdia tempo a frequentar, entretanto, o Chalet do Carneiro (que devia o nome ao seu fundador e primeiro proprietário António dos Santos Carneiro), posteriormente designado de Chalet Suíço, ali ao Passeio Alegre, onde se reunia em animado convívio com seus amigos Ramalho Ortigão, Eça, Alberto Pimentel, Arnaldo Gama e outros Autores que pertenciam ao escol intelectual e artístico do Porto.



De qualquer modo, não ficaria – julgamos nós – na mesma pousada do Morgado de Fafe (“Amoroso”), que andava perdido de

amores por estas bandas. Nem se acercaria dos que andavam a fazer “cenas” por aqui, umas mais edificantes que outras...

Andaria pelas terras do Pasteleiro – sim, as mesmas que dizemos agora, serem da Pasteleira. Ou, então, estaria para os lados do Forte de S. João, a ver como é que a D. Aldonça se esgueirava até ao Hotel da Boa Vista para uma fogosa aventura...

Da perdição à salvação



Quando em 1889 João Franco afirmou nas Cortes que Camilo Castelo Branco era um dos representantes da Identidade Nacional estava a significar que – se no princípio era o Verbo – no meio e no fim também estará sempre a Palavra de quem sabe e escreve bem português. Como o fez e continua a fazer para quem continua a lê-lo, Camilo Castelo Branco. Sendo as efemérides ocasião justa para reviver obras e autores, os cento e cinquenta anos da publicação do “Amor de Perdição” foram – na ocasião – razão mais que suficiente para trazer a terreiro o até agora exilado dos programas escolares.

Quando ninguém ainda se lembrava da efeméride – entretida a comunidade cultural no fogo de artifício dos eventos e promoções pessoais – logo se constituiu uma comissão no Porto, para promover as necessárias e justas comemorações. Carlos Mota Cardoso, Isabel Ponce de Leão, Nassalet Miranda e o escriba deste ofício juntaram-se e sem romarias subsidiopendentes puseram-se ao trabalho. Agregando solicitudes e disponibilidades desinteressadas, concretizaram um programa que, estando embora, ainda em curso, poderá ter-se, pelo menos, como bondoso.

Tendo a noção permanente de que Camilo e a sua Obra não são propriedade de ninguém – portanto, quanto mais iniciativas aparecessem de todos os lados, melhor seria –

puseram-se a caminho e é dos passos dados que fazemos breve balanço.

Das primeiras iniciativas da comissão, registe-se a publicação de um número especial de “AS ARTES ENTRE AS LETRAS” e a proposta à Câmara Municipal do Porto de designar a praça frente à antiga Cadeia da Relação com o nome de “Amor de Perdição” – ideia de Carlos Mota Cardoso – e de se contactar um escultor para uma obra alusiva ao livro e a Camilo e Ana Plácido – ideia de Isabel Ponce de Leão, que logo entrou em contacto com o grande Artista Francisco Simões, o qual abraçou imediatamente o projecto.

Indo nós a caminho de Viseu

Acompanhados pela edição celebrativa, por nós proposta à Quinta de Cabriz, de um Dão “Amor de Perdição”, resolvemos começar por Viseu, lugar por excelência da geografia da obra. Com a colaboração da Câmara Municipal daquela cidade e o apoio do Solar do Dão, aí se realizou, em 25 e 26 de Maio, um colóquio com os camilianistas António Leite da Costa (“Uma Questão de Título”); Carlos Mota Cardoso (“Camilo, António de Sena e a Saúde”), Duarte Ivo Cruz (“O Amor de Perdição no Teatro, na Música, no Cinema e no Bailado”), Eduardo Sucena (“150 Anos depois do Amor de Perdição”), Isabel Ponce de Leão (“O Tríptico das Cartas de Simão”), João Bigotte Chorão (“Quando o Amor era de Perdição”), José Augusto Maia Marques (“Camilo e os Brasileiros”) e José Valle de Figueiredo (“Camilo e a Beira”).

No último dia, o programa concluiu com a uma visita a Parada de Gonta, terra de Tomás Ribeiro, grande amigo de Camilo. Com a colaboração da Câmara Municipal de Tondela, da Junta de Freguesia de Parada de Gonta e das associações locais evocou-se a ligação de Camilo ao Poeta de “D. Jaime”. Lembraram-se também as raízes beirãs dos Castelo Branco de Camilo, oriundos do Guardão (Caramulo), segundo o próprio o diz em carta a Tomás Ribeiro.

E o Porto?

Dado o “tiro de partida” em Viseu, logo se partiu para as fases seguintes do roteiro, com o Porto em lugar destacado: Colóquio na Ordem dos Médicos (Secção Regional do Norte), onde a par do “Amor de Perdição” se abordou a relação com os Médicos, na esteira da clássica obra de Maximiano de Lemos, com intervenções de João Bigo-

tte Chorão, Carlos Mota Cardoso, Isabel Ponce de Leão e José Valle de Figueiredo; Serão de Bonjôia, com a presença dos anteriores, e de José Augusto Maia Marques; Museu do Vinho do Porto (adossado ao Convento de Monchique) com intervenções de Salvato Trigo e dos já referidos, tendo-se apresentado também uma exposição sobre Camilo e a Música, a partir da ópera “Amor de Perdição”, de João Arroio, com a colaboração da Universidade Católica, detentora do espólio do Maestro Manuel Ivo Cruz, e a coordenação de Leonor Ivo Cruz.

Logo nas primeiras reuniões da Comissão das Comemorações – a que desde o início se associaram a Universidade Fernando Pessoa e o CLEPUL de Lisboa e Porto, para além da Associação Portuguesa de Escritores e de numerosas autarquias – entendeu-se que se desenvolveria uma estratégia que privilegiasse – a pretexto do “Amor de Perdição” – a eventual ligação local à geografia camiliana, directa ou indirectamente. A experiência resultante dessa via mostrou-se altamente gratificante, pois criou ou reciou o interesse pelo Autor homenageado e pela sua Obra.

Por onde andámos?

Lisboa, desde logo. E onde? Palácio da Cruz Vermelha. Porquê? Nessa casa magnífica, outrora do Conde de Óbidos, habitou nos idos dez-vente do século passado, a Poetisa Branca de Gonta Colaço e seu Marido, o grande Artista Jorge Colaço (o dos azulejos de S. Bento e de muitas estações ferroviárias? Sim, esse mesmo).

Branca de Gonta era filha de Tomás Ribeiro e, no Palácio agora da Cruz Vermelha, apresentou, num inolvidável “Serão Camiliano” em 1917, as cartas que seu Pai recebeu de Camilo, há pouco reeditadas pela Câmara Municipal de Tondela. Desse serão deu conta quem redige esta prosa, tendo a presença activa dos ilustríssimos camilianistas Anabela Rita, Duarte Ivo Cruz e João Bigotte Chorão, moderados por Augusto Moutinho Borges.

A prestigiadíssima colaboração da Cruz Vermelha contribuiu para uma também inesquecível sessão camiliana.

Mais lugares

Tondela, antes de mais, em cuja freguesia de Parada de Gonta já tínhamos estado. Falámos do “Amor de Perdição” na Biblioteca Municipal Tomás Ribeiro (onde está o espólio do Poeta) e das ligações da terra e da região a Camilo: além das numerosíssimas relações Camilo-Tomás, com dedicatórias recíprocas, temos no “Mosaiço e Silva” a curiosa relação de uma viagem ao Minho em 1785, feita por um tondelense (“hoje anda-se; naquele tempo andava-se, comia-se, lia-se nas livrarias e sobejava tempo de escrever impressões de viagem”...)

Aí vamos até Pinhel. Em colaboração com a Câmara daquela histórica cidade lá falámos do “Amor de Perdição”, numa das “Noites no Museu”, mas não ficámos por aí: vieram a terreiro “O Bem e o Mal”, grandemente passado por lá, e “A Luta de Gigantes”, com o Poeta-Guerreiro Brás Garcia de Mascarenhas também a andar por ali, pelo Sabugal, Alfaiates, pela orla de fronteira. Cumprindo-se, quase a seguir, 150 anos da publicação de “O Bem e o Mal”, ficou logo agendada a celebração respectiva.

Mangualde, agora. Sempre com a referência ao “Amor” entrámos na Biblioteca Municipal Alexandre Alves a falar no “Retrato de Ricardina” – em parte passado em Espinho (de Mangualde), como se recordarão os nossos leitores camilianos – e na “Doida do Candal”, de que uma das simpáticas personagens é o Major Osório do Amaral, primeiro Barão de Almeidinha, com casa ali mesmo no lugar do mesmo nome.

Assim como em Tondela já estivera, também em Mangualde esteve exposta a magnífica Colecção Camiliana de Paulo Sá Machado, que quis associar-se, desde a primeira hora, às comemorações.

Tendais, Cinfães, mais concretamente, Aveloso. Ocorrendo em Setembro mais um aniversário do nascimento de Abel Botelho – a efeméride já foi aqui mesmo, nestas páginas, objecto de referência em texto de Manuel António Dias – resolvemos incluir também uma alusão a Camilo, sempre com aquele propósito de ligação de que falámos acima. Dando-se o caso de ter havido fortíssima relação entre Abel Botelho e Camilo – julgo que o primeiro desenho de Seide se deve a Botelho, que então assinava Abel Acácio na revista “Ocidente”, justificava-se plenamente a abordagem, modo de a evocação camiliana não passar em vão por aquelas paragens.

Ainda não tínhamos ido a Castro Daire, local incontornável da geografia do “Amor de Perdição” e do “Roteiro Camiliano da Beira”, que em breve publicaríamos.

Na Biblioteca Municipal lá falámos do nosso livro procurando relacioná-lo com a geografia local. Aí tivemos oportunidade de aludir à casa que seria de Baltasar Coutinho, agora chamada dos Mendonça. Para não nos alargarmos muito, diremos apenas que há uma ligação forte desta casa aos Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), antigas relações de Camilo, como se sabe.

Também em Castro Daire esteve a exposição da colecção de Paulo Sá Machado. Daqui transitou no princípio do mês seguinte, para o Auditório Municipal Carlos Paredes, de Vila Nova de Paiva, onde estaria até ao fim de Dezembro. Baptizado na freguesia de Alhais (V. N. Paiva) Aquilino Ribeiro foi, como se sabe, responsável de uma obra essencial sobre Camilo.

Por agora onde ficámos?

Por Lamego, onde tivemos oportunidade de acabar por falar muito de Camilo, no Teatro Ribeiro Conceição.

Do “Amor de Perdição”, naturalmente, mas também das “Noites de Lamego” – comemoravam-se 150 anos no ano a seguir – e do “Retrato de Ricardina”, que tem no Convento das Chagas um dos passos importantes da sua geografia. Convento esse, por curiosidade, cujas primeiras freiras vieram do Convento portuense e “teresiano” de Monchique, no Porto.

Também para não nos alongarmos aqui, sempre se deixa registado que um dos advogados de Camilo quando esteve na Cadeia da Relação, foi o lamecense Marcelino de Matos, pai do celebrado Júlio de Matos...

Terminam aqui as “nossas” comemorações? Não. Outras e valiosas celebrações se organizaram e organizam, entretanto, para homenagear o “Amor de Perdição” e diversas Obras do seu Autor. Delas daremos sinal e testemunho a partir da celebração destes duzentos anos do seu nascimento...

Com este propósito, fique registado, entretanto, que no próximo dia 14 de Março, “pelas” 20 horas, realizar-se-á uma Tertúlia-Jantar (ementa camiliana) no Clube de Leça, comemorativo dos 200 anos de Camilo Castelo Branco, numa organização de Maria Augusta Sarmento e Isabel Ponce de Leão.

Mais se acrescente que em 5 de Maio, no Dia Internacional da Língua Portuguesa, a celebrar pela “FOZ LITERÁRIA” – comissariada pelo autor destas linhas no âmbito da acção cultural da União de Freguesias de Aldoar Foz do Douro e Nevogilde – terá Camilo Castelo Branco como Figura central a ser evocada e homenageada.

Já agora...

Mesmo a terminar, temos duas efemérides a trazer até aqui, cada uma delas a chamar Camilo Castelo Branco para perto de nós: a primeira, é ocorrerem nesta data, os duzentos anos de publicação de “CAMÕES” (Paris, 1825), obra de Almeida Garrett que inaugurou o Romantismo entre nós e que viria a ter um substancial estudo prefacial do nosso Escritor em edições que se seguiram à primeira.

A segunda data a relevar é a do centenário de falecimento de António Sardenha (Monforte, 1888 – Elvas, 1925) e que no seu livro de poesia “A PEQUENA CASA LUSITANA” – editado postumamente em 1937 – tem um poema dedicado expressivamente a Camilo. Desta composição, damos registo nestas notas que reunimos para exaltar os duzentos anos de nascimento do Escritor da Nossa Terra.



José Vieira

professor universitário e crítico literário

Contos Camilianos. 200 Anos do “Ciclone do Alfabeto”

Escrita/Vocação – A escrita é para quem deseja produzir memória e ser cuidadoso da sua eternidade.

Agustina Bessa-Luís, *Dicionário Imperfeito*

Camilo Castelo Branco é o escritor com a mais vasta obra de toda a literatura em língua portuguesa. São mais de duas centenas de livros publicados ao longo de quase 40 anos de atividade intensa, garrida e fervorosa.

Assim como Beethoven encarnou o movimento das grandes paisagens, sendo o génio e o herói do Romantismo na música, assim é Camilo Castelo Branco para a nossa literatura. Nenhum outro escritor de Oitocentos encarnou de forma total e inteira o espírito romântico, não só na escrita de uma obra singular, mas também, e aspeto em nada pequeno, na sua vida que terminou em suicídio.

2025 marca o bicentenário do autor de *Amor de Perdição*, celebrado pelas sete partidas do mundo com congressos, exposições, eventos culturais, saraus, tertúlias, publicações científicas e literárias.

Contos Camilianos, coordenado por Cristina Sobral e Serafina Martins, conhecedoras, leitoras e amadoras do homenageado, é um desafio lançado a cinco autores de língua portuguesa – A. M. Pires Cabral, Ana Margarida de Carvalho, Mário Cláudio, Nardo Leandro e Teresa Martins Marques – para escreverem uma breve narrativa de temática ou ao gosto camiliano. Com prefácio de Cândido de Oliveira Martins e ilustrações de João Fazenda, também autor da capa, o livro é uma homenagem original ao mestre de Seide, revelando, assim, o interesse, a influência e o lastro que o autor de *Novelas do Minho* tem no mundo da língua portuguesa.

Assim como a vida e a obra de Camilo são riquíssimas e férteis em peripécias, aventuras e pretextos para a criação de histórias, mais reais ou ficcionais, assim é a obra agora dada à estampa. Nela encontramos cinco contos que abordam diferentes perspetivas, seja a temática da velhice e da decadência do grande vate da prosa – relatada por Ana Augusta, a fiel companheira – seja a grandeza do escritor no final de vida, como fica explícito nos contos de A. M. Pires Cabral, “Como vinho em garrafa destapada”, e em “Concerto de amadores”, de Mário Cláudio; outro tema presente no livro é o da sobrevida de certas personagens camilianas, como fica evidente no conto de Ana Margarida

de Carvalho, “A personagem que Camilo esqueceu”, e ainda no conto de Nardo Leandro, “Vingança”. Surgem, assim, ficções dentro de ficções, elaboradas em clave romanescas, bem ao sabor camiliano; o conto “o bicho-de-conta”, de Teresa Martins Marques apresenta um monólogo do escritor, já no final da vida, recordando o passado enquanto reflete a “pena da solidão que [tem] vivido” (p. 105), associando-se a uma personagem feminina que viria a descrever em *Perfil do Marquês de Pombal*, Isabel Juliana de Sousa Coutinho Paim.

Não interessa resumir os contos, uma vez que o propósito desta crónica não é senão dar a ver que todos eles são pertinentes e reveladores de um aspeto vital: tanto a vida como a obra de Camilo Castelo Branco continuam a suscitar o interesse e a curiosidade de leitores, estudiosos e escritores, situação que começou ainda em vida do autor de *A Corja*. Como diz o prefaciador, “diante do génio camiliano não se pode ficar indiferente” (p. 10). A verdade é que os escritores da nossa literatura – veja-se Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teixeira de Pascoaes, Aquilino Ribeiro, Agustina Bessa-Luís, Mário Cláudio, entre tantos outros – não seriam o que são sem a leitura e o conhecimento da vida e da obra de Camilo; talvez porque a vida e a obra do escritor andem de mãos dadas; possivelmente porque nenhum outro experimentou – à exceção de Camões, não por acaso invocado – a glória, a miséria, a decadência e a infâmia durante a existência; possivelmente porque nenhum outro escritor publicou tão caudalosa e torrencialmente.

Não me parece despiendo que em três dos cinco contos – de A. M. Pires Cabral, Mário Cláudio e Teresa Martins Marques –, nos deparemos com Camilo velho e cansado, às portas do desespero criado pela cegueira que o levariam ao suicídio. Essa parece ser uma das muitas pedras de toque deste livro: a humanização efetiva de um escritor a braços com a morte, as limitações impostas pela saúde, a tendência hipocondríaca, o desprezo pela capital e pelos literatos, o desespero de uma vida de sofrimentos – amorosos, profissionais e familiares. Ana Plácido ocupa também um papel preponderante nas narrativas em apreço. Para além de fiel amante, secretária e cuidadora, a figura feminina surge embrenhada num misto de sentimentos de abnegação e revolta, amor e ódio, repulsa e compreensão, como podemos ler no conto de Pires

Cabral: “O verbo que mais conjuguei, em todos os tempos e modos, foi o verbo adiar. Conjugado pronominalmente: adiar-me.” (p. 35); no conto de Cláudio: “Camilo exige, e eu obedeco” (p. 82), havendo espaço ainda para o poder que a mulher exerce sobre o escritor: “Esmerei-me em prepará-lo aos poucos, usando da astúcia habitual.” (p. 88)

É na lógica do retrato de Camilo, remetendo obliquamente para o jornal *O António Maria*, n.º 35 de 29 de janeiro de 1880, que termina o conto “Concerto de amadores”. De regresso ao Porto, após uma sessão de homenagem na Academia lisboeta, Camilo, velho e cansado, constancia e parece encaixar-se na caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro ponto por ponto: “Analisando-o de soslaio, instalados ambos na carruagem de regresso a Seide, é igualmente que o surpreendo, esquelético e bexigoso, amargo e furibundo, esgrimindo a pena como um Quixote, a assaltar o moinho que o justifique.” (p. 92) Note-se que Camilo é comparado à imorredoura personagem de Cervantes, que sobreviveu e superou o seu criador, o que nos revela, hoje e uma vez mais, a grandeza daquele que Agustina chamou de “um vendaval, um ciclone do alfabeto, uma barafunda de pretextos para arrepiar os cabelos das famílias na sala de baile.”¹

Se no conto de Cláudio as imagens ferem a vista e invocam ilustrações, quadros e caricaturas, o conto de Ana Margarida de Carvalho, por seu turno, impressiona pelo cromatismo e pelo grotesco da personagem Oblita, qual “figura oblíqua, um misto de centopeia e cegonha com artroses” (p. 66), que, “com tamanha curvatura na coluna e um dos lados paralisados”, vivia num convento, passando o tempo a “virtuosamente engordar galinhas e caridosamente decapitá-las.” (p. 62)

No fundo e no fim, importa ler a obra de um homem que explorou o imaginário nortenho e a condição humana ao longo de uma obra vasta e multímoda. A publicação de *Contos Camilianos* é um contributo original e benquisto para o enriquecimento do vasto imaginário em torno de um homem que escreveu como um destino e que continuará vivo pelos próximos 200 anos.

¹ Camilo. *Génio e Figura*. Lisboa: Casa das Letras, 2008, p. 13

6.ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE GAIA

A Bienal Internacional Arte de Gaia (BIAG) de 2015 assinala 10 anos de existência e vai decorrer entre 5 de Abril (sábado) e 12 de Julho, tendo na Quinta da Fiação de Lever (antiga Companhia de Fiação de Crestuma) a sua principal montra. Serão 51 exposições – 25 colectivas e 26 individuais – e a participação de mais de 250 artistas, mas haverá também espaço para um programa paralelo que inclui debates sobre os temas constantes nas diversas exposições, residências e a descentralização da bienal – uma das suas causas – em 14 pólos. O escultor português Lagoa Henriques será o artista homenageado nesta edição, com uma exposição com dezenas de desenhos e esculturas. E um dos destaques será a exposição resultante do Concurso Internacional, do qual resulta a atribuição do Grande Prémio da Bienal/Câmara Municipal de Gaia, ao qual concorreram 163 artistas.

Destaque ainda para a exposição colectiva “A Comemoração dos 50 anos de Abril de 1974 vai às Escolas”, que apresentará trabalhos de alunos, e a exposição colectiva de 40 cartoonistas de vários países no âmbito do “Porto Cartoon – World Festival”. Haverá também exposição de livros de artistas: uma colectiva e 11 individuais – Agostinho Santos; Agustín Bastón (Galiza); Belmiro Belém; Celeste Ferreira; Evelina Oliveira; Miguel Carvalho; Nazaré Álvares; Raúl Valverde; Rui Costa; Rui da Graça; e Valter Hugo Mãe.

A bienal vai ter várias outras exposições colectivas, como “Bandeiras pela Paz”, pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação, ou uma com trabalhos de artistas portugueses e espanhóis, bem como a colectiva na Reitoria da Universidade do Porto, denominada “Gabinete de Curiosidades/Museu de Causas”, na qual participarão ex-alunos

da Universidade do Porto. Na sessão de abertura do evento, às 16 horas do dia 5 de Abril (sábado), o médico e investigador português Manuel Sobrinho Simões, director do Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto, fará uma intervenção sobre “Ciência, cancro e arte”.

A descentralização da BIAG nesta 6.ª edição leva mostras a Baião; Esposende; Ferrol (Galiza/Espanha); Funchal; Lisboa (Faculdade de Belas Artes de Lisboa); Macedo de Cavaleiros; Oliveira do Hospital; Paços de Ferreira; Paredes; Peso da Régua; Póvoa de Varzim; Sertã; Viana do Castelo; e Viseu.

Alexandre Rola; Domingos Loureiro; Emerenciano; Gonçalo Alves; Henrique do Vale; Jaime Silva; Paulo Robalo; Rosa Godinho; Rui Carvalho são artistas portugueses com exposições individuais.

“... OVOS EM FLOR”

A Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, vai acolher a exposição “Entre o Festejar de Dionísio e a Luz Solar de Apolo: Ovos em Flor”, da autoria de Maria Antónia Jardim/A. Sinai. “Através da gramática cósmica e da geometria sagrada, a exposição combina a nova fase de pintura de A. Sinai e parte da sua colecção de ovos provenientes de diversas geografias”.

A inauguração terá lugar no próximo dia 22 de Março (sábado), pelas 16 horas, na Casa-Jardim da fundação. A sessão de abertura será composta por uma mesa-redonda sobre o livro “O Ovo Sagrado Feminino”, com a intervenção de Nassaete Miranda, Manuela Aguiar, José Manuel Curado e Maria Antónia Jardim, seguindo-se um momento musical: Fátima Neto (violoncelo) interpretará “Jardins proibidos”, de Paulo Gonzo. No âmbito da mostra, que estará patente ao público até ao dia 12 de Abril (sábado), com acesso gratuito, será apresentada a “Jóia de Luz (Páscoa) – Homenagem a Van Gogh”; Isabel Ponce de Leão e Maria Antónia Jardim farão a apresentação. Também esta sessão terá um momento musical, “Páscoa - Ovos em Flor”, por Pedro Melo Pestana (voz e guitarra clássica) e Maria Antónia Jardim (música e letra).





António José Borges
professor e escritor

O último conto do avô...

mano, agora sou eu a recordar um conto que o avô nos contou e que a avó, agora aqui connosco, creio que nunca ouviu, pois de ora em diante será a avó a contar histórias

sim, força mano, sou todo ouvidos e a partir de amanhã será a avó a contar as histórias não porque nós não conseguimos ler mas sim porque simplesmente gostamos e queremos ouvir

meus queridos netinhos, adolescentes um à porta de saída e outro precoce, tão interessados e por isso mesmo interessantes, obrigado, também vou ouvir hoje, é tão bom sentir a vossa dedicação à atenção, que é ouvir, isto num tempo em que, como disse, justamente, a grande contista Luísa Costa Gomes, «vivemos num sistema de distração profunda»

então, mano e avó,

Cialu morreu pouco depois do casamento. O marido, de nome Silu, disse:

- Não quero que puguem o caixão.

Alta noite, quando não havia ninguém a velar o cadáver, colocou dentro do caixão um tronco, depois de ter tirado e escondido Cialu.

No enterro ninguém deu por isso.

Entretanto, Silu foi emagrecendo. Parecia, ele próprio, um esqueleto. Mal comia e não se tornou a lavar. Da mulher, roída pelos vermes, só ficaram os ossos. Silu pegou neles e levou-os para um sítio ermo ao pé do mar. Um velho que se cruzou com ele perguntou-lhe:

- Que ossos são esses mal cheirosos?

- São a minha mulher.

- Porque não a enterras?

- É porque a amo. Levo-a comigo à procura de sorte. Hei de levá-la sempre até morrer.

- Estás tão sujo! Deixa aí os ossos pelo menos o tempo suficiente para tomares banho no mar.

Silu acatou o conselho. Foi tomar banho. Quando voltou, encontrou a mulher viva e tão airosa e linda como no dia do casamento. A virtude do velho unira-lhe a carne aos ossos. Surpreendida, Cialu inquiriu:

- Onde estou?

Tinha-se esquecido de tudo e já mal podia andar. Silu contou-lhe tudo quanto acontecera desde o dia da sua morte e pegou nela ao colo, a fim de voltarem para casa. Porém, de fraco que estava, sentou-se, após curta distância, à sombra de uma árvore grande.

- Estou muito cansado.

Apoiou a cabeça sobre uma perna de Cialu, que também se sentara, e deitou-se a dormir. No melhor do sono, caiu ao pé dele um pombo morto. Fora abatido por um político obscuro e novo dandy que andava à caça e que, ao ir apanhá-lo, viu Cialu. Ficou encantado. Perguntou-lhe:

- Que estás a fazer aqui?

- Estou com o meu marido.

- Como? És tão bonita e casaste-te com um homem assim? Vem. Casa-te comigo.

- Não posso. Já sou casada.

O político obscuro e novo dandy apresentou-lhe um espelho e pediu-lhe que se mirasse nele.

- Vês? A tua beleza merece sorte melhor.

Tanto insistiu e tanto louvou a sua formosura que Cialu deixou o marido a dormir e foi na sua companhia.

O político obscuro e novo dandy avisou toda a gente que se ia casar em breve. Queria que fossem todos assistir. Até convidou gente de longe. Entretanto, guardava Cialu, cuidadosamente, numa casa muito alta que mandara fazer. Todos os convidados se ofereceram para armar as tendas para a grande festa. Também Silu, sem se dar a conhecer, foi levar alguns contributos.

Chegou finalmente o dia do casamento. Seguidos de numerosíssimo séquito, os noivos foram ajoelhar-se diante do altar. Quando o padre ia dar início à cerimónia nupcial, Silu, que os fora esperar, oculto atrás de uma coluna, gritou, encaminhando-se para a capela-mor:

- Não os case! Essa mulher é minha.



Despedida - foto de
António José Borges

Um murmúrio de espanto percorreu a multidão. O padre estacou, perplexo. O político obscuro e novo dandy, que ainda se lembrava muito bem do Silu – tão enfezado agora como quando lhe roubara a mulher – ficou sem pinga de sangue mas, disposto a casar-se à viva força. Avançou para ele, vociferando:

- És um doido! És um doido!

- Cialu é a minha mulher.

- És um doido! Afasta-te daqui.

- Não sou doido. Cialu é a minha mulher.

E Silu contou, brevemente, com voz tão forte quanto lhe permitiam a fraqueza e a emoção, quando e como o político obscuro e dandy se apoderara dela. Cialu, com os olhos pregados no chão, ensopados em pranto, nada dizia. O padre estava sem saber que resolução tomar. Silu guardara o anel do casamento, que tinha a forma de uma chave. Segurando-o bem, disse ao político obscuro e dandy:

- Que uma prova decida esta questão. Se, depois de eu tocar com este anel no peito de Cialu, ela permanecer tal como está, seja a sua mulher, caso contrário continuará a ser minha.

Embora contra a vontade do seu oponente, a proposta de Silu foi aceite por todos os presentes. Aproximou-se de Cialu. Mal lhe tocou com o anel, caíram-lhe nos braços os mesmos ossos ressequidos que ele transportara até à praia e prometera levar consigo até à morte, em busca de ventura.

meus netinhos, costuma dizer-se que nós prestamos mais atenção às coscuvilhices do que aos evangelhos, é um pouco o que também acontece aqui, pelo que devemos desenvolver o poder de ouvir não e se não pudermos ajudar então afastamo-nos para não complicar, dizia o vosso avô

vamos sempre, avó, apreciar as palavras do avô e a nós mesmos e assim honrando a alma da nossa família

sim, Fino

e também me lembro de recentemente, avó, nos teres pedido para praticarmos a grande arte, a maior de todas, da autoconfiança

sim, de certa forma, sem obsessões, Eji, e com total controlo da concentração

é muito interessante, por exemplo deixar as boas maneiras falar por nós

muito bem, Fino, e todo o teu valor és tu, o teu mundo, e tu, Eji, percebeste

sim, avó, tu és muito clara e sei que eras a água do avô, por isso sê também a nossa, ora aprendi hoje na escola a simbologia da água

serei, meus queridos, serei mas cada vez mais a água que vos ensinará a banhar-se na vida e no mundo porque um dia, como o avô, não estarei aqui para vos banhar, serei como ele uma força e um exemplo de humanismo, sensibilidade e também brio profissional

tens dito, avó, tens dito, e parece que estamos a fechar um livro

sim, Fino e Eji, um livro amplo com que nos expomos e um final também aberto



José António Barreiros
advogado

Livros e amores abandonados

O nosso tempo é o do desespero existencial de uns poucos e da risota sem metafísica de muitos. A cada um corresponde a sua literatura, a cada um a sua leitura. Para todos há o pequeno *écran*. Na hora do relato da bola e da telenovela, a proporção torna-se mais penosa. A superficialidade banalizou-se, a literatura de cordel de ontem chama-se *light* hoje, mas a percentagem dos que com pouco se divertem continua igual.

À infantilização do leitor de quantas sin-gelezas impressas correm por aí corresponde a senilização da televisão generalista.

Entre a idiotização do telespectador ou do leitor a diferença é nula, salvo que a primeira é gratuita e mete-se pelos olhos adentro, como sucede com os fumadores passivos, disseminando a vulgaridade da sua mensagem e a pobreza do divertimento que proporciona. Resta o ciberespaço e nele a Net onde há de tudo, o que sendo mau é péssimo, sendo bom, excelente. Problema é que o reino da quantidade, impede que se encontre a rosa de entre o matagal de espinhos.

Falemos de livros.

Neste contexto de fossilização do intelecto, é exercício interessante tentar adivinhar numa livraria quem são as pessoas ante os livros que folheiam; há mimetismo na familiarização cultural, como na ideia de que o cão adquire a cara do dono. Agora que os livros se arrumam trivialmente por sectores monótonos, como nas mercearias e armazéns se retém as mercadorias, torna-se fácil e, numa tarde de bocejo domingueiro, é jogo assaz divertido. Há, claro, os sectores ditos «de culto», expressão fulgurante com fragrância a genuflexão cultural, como o local preferido dos frequentadores da *BD*, raramente mulheres, antes homens frequentemente com barbas, ou a vizinhança dos livros sobre puericultura, raramente homens e frequentemente mamãs.

E, claro, existe a fauna dos ocultismos e esoterismos versão barata da arte divinatória, em que ainda resiste o Livro de São Cipriano, tudo pelas bandas da auto-ajuda, onde se amontoam soturnos celibatários e outros desemparelhados, ansiosas candidatas a noivado e tantos seres sedentos de certezas, cansados de solidão e



confiados nos signos, símbolos e cristais, confiantes na incerteza da desconfiança. Barricar-se um mirone, junto a um ângulo discreto de uma coluna, ou escondido pelo pilar de uma estante, em emboscada literária, para ver quem ronda a chamada literatura erótica, que alguma alarvice sistemática faz colocar ao lado do *gay and lesbian*, por talvez ter tudo a ver com sexo, é dar conta da timidez dos se que abeiram, reticentes, pudibundos, com o mesmo pudor que os ruborizaria se numa alfândega lhes surpreendessem, ao lado das camisas ou das rendinhas, uma revista de má nota e pior fama, com foto na capa a não dar margem para equívoco quanto ao tema e modo de expressão do mesmo.

É essa nas livrarias, como nas pensões de amores baratos, a chamada secção da curta permanência. Para tantos deles é o devaneio permitido, o único jardim das delícias que se permitem ou que lhes consentem. Muitos ficam-se pela Anais Nin ou pelo Oscar Wilde. Triviais. Mas ao que li recentemente numa crónica sobre livros, a escrita à Henry Miller, variante debochada de *Os Telhados de Paris* tornou-se *bon chic bon genre*.

Palmilhando livrarias incluindo as de alfarrabistas que fui formando a biblioteca. Hoje tornei-me assíduo dos que vendem *on line* e são uma pequena multidão, sinal de casas que se esvaziam, por necessidade de espaço ou até financeira, luta em saldo de excrecências que passaram ser os livros.

Nessas viagens enamorei-me um pouco por tudo, percorrendo a paleta integral

dos sentimentos. Por vezes, piedade, ao ver edições raras, com dedicatória firmada pelo autor, ali ao abandono, por vezes a preço venal, a suplicarem que os recolhesse e lhes desse um tecto. Quantas outras, por paixão incandescente, ou pelo modo da escrita, ou pela invulgaridade do assunto ou por aquela inefável circunstância que é a fonte do amor.

Para além dos que têm a ver com a minha profissão, olho para as estantes que preenchem a casa e o escritório e há de tudo. Aqui na sala onde escrevo, por exemplo, reside uma vasta prateleira dedicada à demonologia, nela incluída a angeologia, na companhia de outras em que, ao lado da escrita espiritualista oriental, se espraia o que achei respeitável quanto aos temas ocultistas, esotéricos e, naturalmente, os religiosos dos vários credos.

Foi essa biblioteca que, como sempre, me fez nascer a ânsia de escrever um livro sobre a malignidade e da culpa, de que guardo ainda as primeiras dezenas de páginas por completar e que nem sei se um dia chegarei a completar, porque na fileira dos projectos, outros se vão imiscuindo, tentadores, dominadores.

Hoje olho para os meus livros e pergunto-me o que fazer com esses amores que abandonei. Cada vez que penso em dar-lhes destino, corta-se-me o coração, como se lançasse filhos na roda dos enjeitados. E tenho pena. Muita pena mesmo por não os ter vivido.



Rui Baptista
historiador

Mata Atlântica / Contos Apócrifos

A Procissão

Jaci não podia adivinhar que corria para a morte naqueles dias tão felizes esperando seu casamento com Isabel. No fascínio desse amor longínquo nada disse à noiva da sua decisão repentina de se lançar numa viagem de moto e não partir de avião – fazendo o contrário do que ambos haviam combinado pela net: que ela o esperaria no aeroporto de Floripa. Ele pensou surpreendê-la para chegar mais cedo, fazendo a viagem épica da sua vida, atravessando seis estados do Brasil. A namorada “manezinha” que o esperava é rendeira (Rendilheira) e vive na praia do Pântano do Sul de Florianópolis. Ele nasceu no Acre na cidade de “Assis Brasil”, na fronteira do Iñapari, com o Perú. É Seringueiro. Esta profissão resistiu graças a movimentos como o de Chico Mendes e à valorização da borracha sustentável.

A procissão progredia numa reza calada na hora de Vésperas. Que a regra beneditina também por cá sobrevive – trouxeram-na a terras da antiga Nossa Senhora do Desterro os portugueses no corpo dos açorianos.

Foi um tempo de guerras em que esta Ilha terá sido ocupada por tropas espanholas. Sendo que, de seguida, houve uma reação estratégica política e militar pela mão do Marquês de Pombal no séc. XVIII. Sabe-se que a Coroa Portuguesa esteve no papel central da regulamentação e execução do processo migratório que levou os açorianos a estabelecerem-se em Santa Catarina. À época, em 1747, o Conselho Ultramarino emitiu um edital que regulamentava as condições para a migração de casais açorianos para a Ilha catarinense. Este edital estabelecia incentivos como ajuda de custo, roupa, apetrechos agrícolas, isenção do serviço militar e concessão de terras.

Por isso, a demanda de Pombal ilustra o que por finais da centúria de quatrocentos acontecera por outros tempos em Porto Seguro, no litoral sul da Bahia, quando a Esquadra de Cabral desembarcou diante o Monte Pascoal, constituindo assim do ponto de vista oficial e histórico a primeira chegada de europeus ao Brasil.

Com um único e pequeno andor na frente, levado por quatro pessoas, e dada a hora do início da noite, a multidão compacta faz lembrar a estética do “Novecento” de Bertollucci, na magnífica ilustração “O

Quarto Estado” de Giuseppe Pelliza de Volpedo. Tal como acontece no referido quadro do pontilhista italiano, a multidão de Ribeirão da Ilha traz luz e escuridão. Neste caso, a negritude e a luz vêm da Mata Atlântica, da “Pantera onça”, do “Tamanuá-bandeira”, do “Muriqui-do-sul” e de tantos outros seres, fantásticos...

O cortejo processional é numeroso e demora a passar. Ali vão dois homens, com lanternas muito fracas que quase nem os vemos, a acautelarem o séquito à frente e na retaguarda. A procissão arruma-se o máximo para a faixa direita da apertada estrada. A luz que anda contrária ao trânsito meio caótico entre ciclistas e motociclistas à mistura com volantes e muita gente funâmbula e sonâmbula todos a pé, que o lusco-fusco do crepúsculo confunde no encadeamento que isto provoca. Lá vai o séquito sereno e grave com o andor pequenino de Santo Estêvão, dirige-se à capela do mesmo nome que pertence à Paróquia da Nossa Senhora da Lapa.

Súbita e inesperadamente um motociclo cruza várias vezes o cortejo processional, entre protestos calados. É um veículo refulgente e é dirigido por alguém que se perdeu. Pois o seu piloto está indeciso e pára várias vezes no meio da multidão da procissão como se procurasse um sonho vindo do céu na terra, encavalitando-se na sua “Ducati Streetfighter V4” rodando a cabeça em todas as direções no grosso da multidão parece que procura alguém... e por fim esgueirando-se mas vacilando várias vezes e em tom arrastado desapareceu. Não há memória de um episódio semelhante em toda a ilha.

Quando ele se chegou à tenda ouviu.

– “À vista ou a crédito”?

Perguntou-lhe o funcionário, antes de Jaci ter escolhido seja o que quer que fosse.

E ele aprontou-se.

– Quero estas calças e uma camisa branca. Não tem?

Disse-lhe o homem do Acre num sotaque português meio espanholado e quechuano, devido à proximidade com Perú e Bolívia.

Mas o outro insistiu.

– “À vista ou a crédito”?

– Quero pagar e ir-me embora, que tenho pouco tempo. – retorquiu o moço da Ducati.

Ele não podia adivinhar que corria para a morte naqueles dias tão felizes esperando o casamento. Viera de tão longe para ser colhido pelo Grim Reaper contra o muro da casa de Isabel sua noiva, que os dois haviam-se conhecido através do Facebook. Diz-se que na origem do despite que o vitimou esteve um felino. A ideia do casamento aconteceu no espaço de um ano. Por via disso ele desenhara na viagem uma espécie de segmento de reta oblíquo no mapa brasileiro, assim: Acre/Florianópolis. Voou na sua potente “Ducati Streetfighter V4”; veloz, como uma espécie de seta saída da zarabatana Munduruku apontada à savana tropical que cobre grande parte do Brasil central; incluindo estados como Pará e Mato Grosso. Desde sua casa cortando o Rio Branco, Porto Velho, Rondônia, Goiás, Paraná e Santa Catarina. O seu aparecimento na Ilha faz-nos lembrar “Ítaca” e Nossa Senhora do Desterro a casa de “Ulisses”, já que tal como aquele Jaci traz marcas da viagem entre dois mares. Vem seminu e atleticamente equilibrado como essa figura mitológica da Odisseia de Homero. Na viagem que durou dez dias ao longo de sete mil quilómetros até ao fim feriu-se rasgando a pele do corpo no vento através de serras e vales voando o Cerrado. No centro da cidade comprou roupa numa das barracas junto do mercado Público Municipal.

“Olha que veio de tão longe! E acabou por morrer de forma tão estúpida.” Comentara-se no Ribeirão da Ilha com enorme paixão pelo moço que ninguém conheceu.

“Cada um de nós tem a sua cruz”, é uma frase que se perde na memória distante e não há uma autoria única. Esta expressão aparece em diferentes contextos e tradições muito antigas, é transversal à literatura oral que continua a fazer o romance estando na origem deste até à modernidade. Na tradição cristã, a referida expressão assenta nas palavras atribuídas a Jesus, quando Este diz aos companheiros para tomarem a sua cruz e seguirem-No (cf. Mateus 16:24).

A noiva, que ia na celebração religiosa com os pais, não reconheceu Jaci porque nunca o vira fisicamente. Além de que só contava com ele no aeroporto de Floripa no sábado seguinte, três dias depois da celebração do santo.

oooooooooooooooooooo



André Veríssimo
prof. universitário

Os sonhos e o espírito

CAPÍTULO 88:

Emmanuel Levinas: uma ideia de Humanismo

O terceiro período corresponde à carreira universitária oficial de Emmanuel Levinas; mesmo se ela a prolonga pelos seminários até 1984. Ao longo de 40 anos que constituem a época de 1946-1986, Levinas considera-se como «leitor e espectador mais que comprometido» (ELP 164). Os movimentos sociais de Maio de 1968 surpreendem Levinas, quando ensina em Nanterre (1967-1972) (Cf. R. Kearney, *De la phénoménologie à l'éthique. Entretien avec Emmanuel Levinas*: Esprit n. 234 (1997) 140). A ética do humanismo conduz todavia Levinas – «que não aprecia nem os conflitos nem a proximidade» (ELL 242) – a tomar a palavra, quando poderia ter permanecido no lugar de espectador. Se no âmbito e no coração da Segunda Guerra Mundial os valores do judaísmo foram contestados veementemente, no presente (em 1968), o autor tem o sentimento que todos os valores eram contestados como burgueses. Com uma excepção: «Outrem» («En 1968 – année de la contestation dans les universités et autour des univers – toutes les valeurs étaient 'en l'air', sauf la valeur de l'«autre homme» auquel il fallait se vouer. Les jeunes gens qui durant des heures se livraient à tous les amusements et à tous les désordres allaient en fin de journée rendre visite aux 'ouvriers en grève chez Renault' comme à une prière. L'homme est l'être qui reconnaît la sainteté et l'oubli de soi. Le 'pour soi' se prête toujours à la suspicion. Nous vivons dans un Etat où l'idée de justice est superposée à cette charité initiale, mais dans cette charité initiale réside l'humain ; à elle remonte la justice elle-même»: AT 181. Ver também S. Malka, *Lire Levinas*, Paris 1989, 110). Em 1973, Levinas decide integrar a Sorbonne (Cf. ELL 250). Ensina nessa universidade até à idade de setenta e um anos (1976).

Até que ponto pelo facto de se sentir implicado nos seus valores sociais e políticos (pertença a uma classe social) e espirituais (pertença a uma família religiosa) pode moldar o pensamento de um ser humano? A escrita de Levinas não entranhará no leitor como numa

textura dum fio com uma ponta afiada onde, a cada passo, o dizer está a ponto de se lançar sobre o dito da loucura ou da santidade? A longevidade do autor (nonagenário) bastará para explicar a imensidão de artigos publicados? Poderíamos mesmo imaginar uma espécie de síndrome do «sobrevivente responsável» – responsável da mortalidade do outro e culpável por sobreviver a uma qualquer patologia (F.-D. Sebbah, *Lire Levinas et penser tout autrement*: Esprit n. 234 (1997) 148. Cf. igualmente N. O'Connor, *Who suffers? R. Bernasconi e S. Critchley (ed.), Re-reading Levinas*, Bloomington 1991, 229-233), não nos ocorreria criticar o autor pelo lugar que ele concede ao outro na sua própria vida. Ele é mesmo o outro do outro. Duas obras constituem a etapa de referência: *Humanisme de l'autre homme* (1972) e *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (1974). O artigo *La signification et le sens* (Cf. HH 15-70) de 1964 anuncia os textos publicados antes de 1968. Estes últimos constituem a razão principal do capítulo quarto de *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence: La proximité* (artigo de 1971 que permanece fiel ao estudo *Language et Proximité* de 1967) e *La substitution* (1968).

Na fulguração de alguns instantes privilegiados de 1968 – depressa tingidos por uma linguagem tão conformista e tão rude como aquela que iria substituir – a juventude consistia em contestar um mundo desde muito cedo denunciado. Mas a denúncia tornou-se desde há muito tempo, literatura e cláusula estilística. Certas vozes e certos clamores tornaram tal significação própria e irrecusável. A vaga noção de autenticidade – de que se abusa – toma aqui um sentido preciso. A juventude é autenticidade. Mas juventude que é definida pela sinceridade que não admite a violência da intenção e do acto, mas é aproximação do outro homem, carga em seus ombros do próximo, que manifesta a vulnerabilidade humana. Capaz de encontrar as responsabilidades humanas sob a camada espessa da literatura que se desligam dessa rea-

lidade. A juventude, cessa de ser a idade de transição e da passagem («il faut que jeunesse se passe»), para se evidenciar a humanidade do homem (HH 113).

A recolha *Humanisme de l'autre homme* é composta de três artigos. O primeiro, *La Signification et le Sens* (1964), reúne as ideias expostas por ocasião das conferências pronunciadas no Collège Philosophique (entre 1961 e 1963) e na Faculdade Universitária de S. Luís de Bruxelas (Janeiro de 1963). Os outros dois artigos foram publicados respectivamente em 1968 (*Humanisme et an-archie*) e 1970 (*Sans identité*). O conjunto da recolha propõe uma orientação indo para além do idêntico, para um Outro que é absolutamente outro (Cf. HH 43).

O desejo de outrem é desejo de permanecer no «vale de lágrimas», até ao que sobrevém do estremecimento interior numa presença em acto («Les larmes c'est peut-être cela. Défaillance de l'être tombant en humanité, qui n'a pas été jugée digne de retenir l'attention des philosophes. Mais la violence qui ne serait pas ce sanglot réprimé ou qui l'aurait étranglé pour toujours, n'est même pas de la race de Caïn ; elle est fille de Hitler ou sa fille adoptive»: HH 11). Suficientemente próximo de outrem para ser sensível ao sofrimento e bastante humilde para não esconder a sua própria fraqueza, Emmanuel Levinas expõe uma maneira de «pensar o homem a partir de si mesmo expondo-se para além de si no lugar de todos» (HH 110-111). Redigindo o *Avant-propos* do seu livro em 12 de Março de 1972, Levinas estava talvez bem em Paris mas provavelmente também ainda «no pavilhão»:

Espera do retorno na angústia do não-retorno possível, espera quando é possível ser-se enganado, paciência que obriga à imortalidade. É assim que se diz «tu»: falar à segunda pessoa é inquirir ou inquietar-se pela sua saúde. Obrigação pela imortalidade apesar de toda a certeza de que todos os homens são mortais (HH 12).



Lurdes Neves
PHD, docente universitária UP

Desafios da Escola



FOTO: DR

O impacto ético e pedagógico da Inteligência Artificial na educação

A inteligência artificial (IA) tem vindo a transformar a educação de formas sem precedentes, trazendo consigo promessas e desafios que exigem uma reflexão ética e pedagógica profunda. Se, por um lado, a IA pode personalizar o ensino, otimizar processos de aprendizagem e democratizar o acesso ao conhecimento, por outro, levanta questões sobre a equidade e o papel do professor na era digital.

Os Desafios éticos: o caminho entre a inovação e a responsabilidade

A crescente utilização da IA na educação levanta preocupações éticas, sobretudo no que toca à privacidade e à proteção de dados dos alunos. Ferramentas baseadas em IA recolhem vastas quantidades de informação para personalizar o ensino, mas até que ponto essa recolha garante a segurança dos dados? A legislação europeia, nomeadamente o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD), impõe restrições à utilização dessas informações, mas a fiscalização nem sempre é eficaz.

Além disso, a equidade no acesso à tecnologia é um desafio crítico. A IA pode ampliar desigualdades entre alunos de diferentes contextos socioeconómicos, favorecendo aqueles que têm melhores condições tecnológicas e acesso a formação digital. Assim, torna-se essencial garantir que a IA não reforce barreiras já existentes, mas que seja um instrumento de inclusão e democratização do ensino. Outro ponto crucial é a transparência dos algoritmos utilizados nas plataformas educativas. Muitas decisões tomadas por sistemas de IA – desde avaliações automáticas até recomendações de conteúdos – são feitas com base em processos opacos e sem explicação clara para professores e alunos. A “caixa negra” dos algoritmos pode gerar desconfiança e tornar-se um entrave à sua aceitação no contexto pedagógico.

Impacto pedagógico: inovação e desafios na sala de aula

A IA tem um enorme potencial para revolucionar a aprendizagem, permitindo a adaptação dos conteúdos ao ritmo e às necessidades individuais dos alunos. Sis-

temas inteligentes podem identificar dificuldades específicas e sugerir métodos personalizados para cada estudante, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e autónoma.

No entanto, a dependência excessiva da tecnologia pode comprometer o papel fundamental do professor. A interação humana continua a ser insubstituível na educação, e a IA deve ser vista como um complemento e não como um substituto. O desafio pedagógico está em integrar estas ferramentas de forma equilibrada, mantendo a criatividade, o pensamento crítico e a empatia como elementos essenciais do ensino.

Além disso, surge a questão da avaliação. Se, por um lado, os sistemas de IA podem corrigir testes automaticamente e fornecer feedback instantâneo, por outro, levantam dúvidas sobre a fiabilidade e a justiça das avaliações. Será que um algoritmo consegue avaliar corretamente competências como a argumentação, a criatividade ou a ética?

A formação dos professores também é um fator determinante para o sucesso da integração da IA na educação. Muitos docentes ainda sentem dificuldades em lidar com estas novas ferramentas e precisam de formação contínua para as utilizar de forma eficaz e ética.

Em conclusão, a inteligência artificial é uma ferramenta poderosa que pode trazer inúmeros benefícios para a educação, desde que utilizada com consciência ética e pedagógica. A chave para um futuro equilibrado está na regulamentação eficaz, na formação adequada dos professores e na garantia de que a tecnologia serve verdadeiramente os interesses dos alunos.

A IA não deve substituir a dimensão humana do ensino, mas sim potenciá-la. Para que isso aconteça, é essencial que todas as partes envolvidas – governos, escolas, professores, alunos e sociedade em geral – participem ativamente no debate sobre o seu impacto. Afinal, a educação é o pilar do nosso futuro, e cabe-nos garantir que a inovação tecnológica esteja ao serviço de um ensino mais justo, inclusivo e eficaz.



M. Luísa Santos
professora aposentada; escritora

Para Onde Caminha a Literatura?

Talvez este seja o artigo em que tive mais dificuldade em encontrar as palavras certas para exprimir um pensamento, para não dizer um lamento, uma desilusão ou o que quer que os leitores entendam ser este texto. O tema impôs-se-me de uma forma clara, diria gritante se não quisesse ser apelidada de alarmista, conduziu-me a uma reflexão imediata quando colocada perante a realidade. E esta realidade não é mais que a minha presença nas Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim, no sábado 21 de fevereiro. A expectativa pela forma como os palestrantes iriam abordar o assunto proposto encheu a plateia do Teatro Garrett, pelo que tive de ocupar um lugar num dos camarotes laterais. Esta posição, que me permitia ver e ouvir de forma clara os intervenientes que tinham como ponto de partida um quadro da grande artista Paula Rego, intitulado *War* (2003), mostrava-me também uma panorâmica geral da sala, praticamente cheia. Deixamos para outra ocasião a reflexão sobre a referida pintura que explora o tema da guerra, exposta no semblante e a postura dos animais que são os protagonistas do quadro, e as palavras enternecedoras e brilhantemente construídas por um dos oradores, não por desconsiderar a relevância da discussão, mas por não se enquadrar no tema central deste artigo. Enquanto esperava o início das comunicações, o meu olhar deambulou pela plateia e causou-me uma certa perplexidade. Digo certa perplexidade porque não foi uma surpresa, antes a confirmação de uma teoria, permitam-me o termo, que se desenvolvera no ano anterior. A minha atenção centrou-se nas pessoas que preenchiam, na totalidade, os 268 lugares disponíveis na plateia. E quando refiro as pessoas centrou-me especialmente na sua faixa etária que, maioritariamente, ultrapassava os sessenta anos a julgar pela aparência dos participantes. Atrevo-me a dizer, sem qualquer rigor estatístico, mas quase certa da sua correção, que 90% da plateia era ocupada por mulheres e homens com mais de sessenta anos, e apenas cerca de 20 (o ano passado contei 14), teriam menos de 30 a 35 anos. Esta constatação reacendeu a minha preocupação e abalou a minha condição de professora aposentada e membro da comunidade educativa du-

rante mais de 40 anos. As interrogações sucederam-se em catadupa, numa vontade desenfreada de encontrar respostas, das que sabemos que ninguém irá responder, mas que exigiram uma reflexão no contexto deste artigo. Sei que o tema é complexo, que não tenho conhecimentos suficientes para dissertar sobre ele, mas sei também que fui e continuo a ser uma professora interessada pela função da escola no quadro de uma sociedade em ritmo acelerado de mudança e, sobretudo, uma cidadã atenta ao que a rodeia. O dedo acusador, nestes assuntos é sempre urgente encontrar um culpado, apontou para a escola como principal responsável pela ausência das camadas mais jovens numa sessão literária. Esta "acusação" encaminhou-me para os documentos que sustentam o sistema educativo português e, especialmente, o que refere as *Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário*. O documento descreve claramente o que considero importante para qualquer aluno que se prepare para ingressar no ensino superior ou no mundo ativo, mas a minha atenção centrou-se no que se designa por *Educação Literária*. Recuei mais de 50 anos, e vi-me sentada numa carteira do Liceu Rainha Santa Isabel, a ler as cantigas de Amigo, Amor e Maldizer, a falar das crónicas de Fernão Lopes e da Farsa de Inês Pereira do pai do teatro, Gil Vicente, a declamar os poemas do grande Camões e a dissertar sobre os cantos e episódios significativos de "Os Lusíadas". Não sei bem o que pensar. Volvidos tantos anos, as mesmas obras, os mesmos autores, o mesmo percurso literário?! Não quero, de forma alguma, desvalorizar estes autores e estas obras, que continuam a ser um marco impressionante do nosso passado literário,

mas será este o caminho a seguir para despertar a "consciência" literária dos jovens tão afastados do panorama atual? Será que todos sabem que José Saramago venceu o maior prémio de literatura, que o prémio Nobel distingue os excecionais e temos um português galardoado com esse prémio? Será que conhecem o nome dos escritores que, nas últimas décadas, divulgam a Língua e a Literatura Portuguesa por esse mundo fora? Certamente que têm de conhecer e estudar os grandes mestres da nossa literatura, que eles não podem nem vão cair no esquecimento e continuam presentes no conhecimento e memória coletiva, mas será este o caminho certo para motivar os alunos, para os trazer de volta à leitura, aos acontecimentos culturais que se expandem pelo país? Perdoem-me os grandes estudiosos de literatura, perdoem-me os especialistas das metas curriculares, perdoem-me todos os que consideram desconexas estas minhas palavras, mas não quero que a literatura seja uma coisa de "velhos", uma disciplina que se estuda pela única necessidade de cumprir os requisitos para o sucesso escolar. Os clássicos são intemporais, excecionais, não podem nem serão esquecidos, mas algum avanço no tempo talvez levasse a maioria dos alunos a fazer "as pazes" com a literatura, a entender a grandiosidade da escrita, da maleabilidade das palavras, do poder da narrativa, para que as obras não surjam aos olhos dos alunos "como ilhas sonâmbulas num lago preguiçoso; ou como acidentes num percurso de lógica dificilmente apreensível" (Gusmão 2011, 188, citado in *Metas Curriculares de Português Ensino Secundário*).

FOTO: CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM





Viver Perigosamente Para as «Grandes

FOTO: DR

No caleidoscópio de manifestações da condição humana, que a obra de Camões apresenta, não faltam as quimeras do “viver habitualmente”, nem os anseios de compaixão e de conforto, de pacificação e amenidade, de *aurea mediocritas* e de idílio campestre, de *harmonia mundi* e de utopia eudemónica, de concórdia intelectual e de *lucida proportio* artística. Mas não é esse o horizonte humano que prevalece – mesmo quando odes e éclogas dele parecem fiar-se, para depois minar esse património de confiança sócio-cultural legado pelo Renascimento. Por outro lado, quando em criações como o auto *Comédia de Filodemo* convergem bucolismo e tradição cavaleiresca é a nobreza (origem senhorial, alteza pessoal) dos protagonistas, que se vê coroada com a felicidade dos seus enlances amorosos.

Na dialéctica da natureza humana não o permitem as contingências históricas e as vicissitudes existenciais, as debilidades e impotências do «bicho da terra tão pequeno», os erros e as maldades do Homem como ser decaído e desterrado, nem o consente a tensão entre os impulsos de aspiração mais alta e as lacerações da consciência crítica, entre as tentações de consolada mediania e o apelo aristárquico de um outro «Conceito dino do ramo claro», «o nobre e grão conceito / Do Lusitano espírito» (VIII, 69, 5-6): o “viver perigosamente” em equação heróica com as «grandes cousas»: «Sabe que há muitos anos que os antigos / Reis nossos firmemente propuseram / De vencer os trabalhos e perigos / Que sempre às grandes cousas se opuseram» (VIII, 70, 1-4).

A representação da viagem transoceânica, «descobrimo os mares inimigos / Do quieto descanso» (VIII, 70, 5-6), é em Camões mimese que já traz no bojo o Homem a medir-se titanicamente com os seus limites antropológicos e a conter a vertigem da *hybris* na narrativa cristã da Criação e da Salvação. Mas essa mimese desdobra-se em interpretação figural de outro alcance universal do momento gâmico que Toynbee viria consagrar como acontecimento axial das eras da História humana sobre a Terra; e como tal o discurso poético de Camões coloca mais alto e entende mais difícil o estalão da *arethê* helénica e da *uirtus* latina com que se tem de medir a concepção de vida e a reali-



zação existencial dos homens superiores – magníficos nas Armas e nas Letras, exemplares na rectidão de carácter, no exercício da justiça e na prática generosa da simpatia social, santos pelas virtudes cardeais e excelsos na firmeza da Fé, na fortaleza da Esperança, na paixão da Caridade.

Como esse ideal de grandeza humana não se confunde com idealização contrária aos dados da experiência (e da sua primazia, tão prestimosa quanto perturbadora!), nem se conforma na convencionalidade das doutrinas e das normas, revela-se árduo o caminho de sublimação humana – cuja protagonização Camões



Cousas» (I)

entrega, entre melancolia e heroísmo, ao «Cavaleiro» e sumamente ao «Capitão de Cristo».

No humanismo cívico de Camões reina, pois, a ética da superação perante as dificuldades extremas levantadas pelas forças do universo físico-natural e pelas adversidades dos movimentos históricos dos povos; e essa ética da superação funda-se na auto-superação do sujeito individual e do sujeito comunitário – na gesta da grei lusíada e no profetismo do seu rapsodo e vate.

Ora, esse desígnio só se afigura exequível num ideal de vida incompatível com o lasso hedonismo das opulências e o fruste sibaritismo da ilustração livresca e da arte exornativa e evasiva – denunciados sarcasticamente nos que se recostam «nos leitos dourados, entre os finos / Animais de Moscúvia zibelinos» e se saciam «cos manjares novos e esquisitos», nos «passeios moles e ouciosos» e nos «vários deleites e infinitos, / Que afeminam os peitos generosos» (VI, 95, 7-8 e 96, 1-4) e na loquacidade presunçosa de Formião, «filósofo elegante» e outros que desconhecem a prática pelejante da «disciplina militar prestante» (X, 153, 1 e 5). Esse desígnio promove e conduz um projecto de vida prometido ao risco e ao perigo, mas apostado na sua superação heróica. Não só, porém, na senda dos heróis da Antiguidade clássica e do Medioevo cavaleiresco, e sim também numa moderna tentativa de conjugação da excelência nos vários planos da presença do Homem – em corpo e alma – nos espaços e tempos do Mundo e da participação no destino da Criação divina.

Tanto na épica d'*Os Lusíadas* como em sonetos e poemas dos géneros maiores das *Rimas* líricas sobressaem as ocorrências (vocabulares e imagísticas) do risco e do perigo e dos «trabalhos» – «E (o que é mais) os trabalhos excessivos» (X, 151, 8) – com que são enfrentados. Elas surgem no coração do Argumento da epopeia – desde logo na abertura do ritual introdutório pela Proposição – «Em perigos e guerras esforçados / Mais do que prometia a força humana, /...» (I, 1, 6-7) – e depois reiteradamente ao logo do poema, até ao exórdio de conselho e exortação. Esses desafios e essas proezas marcam primordialmente as viagens e os com-

bates da Navegação, da Descoberta e da Conquista, em que uma e outra vez os protagonistas da gesta lusíada se confrontam com seus próprios limites e reconhecem religiosamente a dependência ontológica do ser humano («Quem poderá do mal aparelhado / Livrar-se sem perigo, sabiamente, / Se lá de cima a Guarda Soberana / Não acudir à fraca força humana?» II, 30, 5-8; «Já de mal que me venha não me arredo, / nem bem que me faleça já pretendo, / que para mim não val astúcia humana; / de força soberana, / da Providência, enfim, divina, pendo.» Canção X, 207-211).

O «canto» de Camões sublinha essa experiência e essa vivência dos compatriotas em viagem e guerra – «Na viagem tão áspersos perigos» (I, 29, 2), «Todos experimentados nos perigos / Da guerra, onde se alcança a ilustre fama, /...» (III, 44, 3-4), «Não estimam das armas o perigo / Os que cortando vão co duro arado /...» (IV, 8, 5-6), ou *a contrario* «se o Céu me dá que eu sem perigo / Torne» (III, 21, 2-3).

Mas a «pena» de Camões não menos evidencia essa experiência e essa vivência em causa própria, desde passos fulcrais da sua poesia lírica – ... – até aos versos heróicos d'*Os Lusíadas*: «Olhai que há tanto tempo que, cantando / O vosso Tejo e os vossos Lusitanos, / A Fortuna me traz peregrinando, / Novos trabalhos vendo e novos danos: / Agora o mar, agora experimentando / Os perigos Mavórcios inumanos, / Qual Cánace, que à morte se condena, / N~ua mão sempre a espada e noutra a pena; // ...» (VII, 79, 1-8).

Num caso como noutro, não se trata apenas de males circunstanciais, mas da própria índole perigosa do viver humano, para que Camões adverte até nas redondilhas tradicionais sobre o desconcerto do «Labirinto do Autor queixando-se do mundo»: «o que perigo não teme / é de pouco experimentado.»

Tudo isso se enfrenta e leva de vencida, ainda que no sofrimento e até à morte, pelo primeiro estrato de heroísmo: o da valentia física e da coragem anímica, o da competência pontual e estratégica em mar ou terra e o da destreza nas armas – com o pundunor da honra no serviço da soberania nacional («Porque o maior perigo, a mor afronta, / Por vós, ó Rei, o espírito e carne é pronta.» IV, 80, 7-8) e

contra o temor («Que, nos perigos grandes, o temor / É maior muitas vezes que o perigo. / E se o não é, parece-o; que o furor / De ofender ou vencer o duro imigo / Faz não sentir que é perda grande e rara / Dos membros corporais, da vida cara.» (IV, 29, 3-8).

Eis o horizonte de compensação desde **heroísmo cívico** que as Armas servem e as Letras humanistas cantam: «As cousas árduas e lustrosas / Se alcançam com trabalho e com fadiga; / Faz as pessoas altas e famosas / A vida que se perde e que periga, / Que, quando ao medo infame não se rende, / Então, se menos dura, mais se estende.» (IV, 78, 3-8).

Evidentemente, esta concepção heróica não se compagina com a estreiteza banal do chamado “senso comum”, nem sequer com os freios cautelosos do chamado “bom senso”. Embora tenha dado boas provas, desde o Poder político aos grandes Capitães e demais construtores de Império, no equilíbrio que o Infante D. João da «Ínclita geração» havia ponderado entre governo de «siso» e gesta de «Cavalaria», a expansão pluricontinental do Estado católico português regia-se por outro espírito e visava «honras imortais e graus maiores» (VI, 95, 4). Por consequência, no limiar da chegada do Gama «à terra / desejada» Camões proclama: «Vós, a quem não somente algum perigo / Estorva conquistar o povo imundo, / Mas nem cobiça ou pouca obediência / Da Madre que nos Céus está em essência; // Vós, Portugueses, poucos quanto fortes, / Que o fraco poder vosso não pesais; / Vós, que, à custa de vossas várias mortes, / A lei da vida eterna dilatais: / Assi do Céu deitadas estão as sortes / Que vós, por muito poucos que sejais, / Muito façais na santa Cristandade. / Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!» (VII, 2, 5-58 e 3, 1-8).

Veremos, em próxima Página Camoniana, que esta concepção não conduz em Camões ao acomodamento e à demissão, supostamente com suporte na visão providencialista do destino pátrio e da História da humanidade. Então mostrarei como, ao invés, aquela concepção postula o compromisso actuante do **heroísmo cívico** com o **heroísmo intelectual**, o **heroísmo moral** e o **heroísmo espiritual**.

oooooooooooooooooooo



Tópicos de Novilíngua

Narrativa, Crença, Percepção

Na obra *1984*, George Orwell inclui, na panóplia de aparelhos ideológicos repressivos do Estado totalitário que descreve, distopicamente, a *novilíngua*. Trata-se de um conjunto de procedimentos linguísticos postos em prática pelo poder para melhor controlar os cidadãos dessa formação social fantasticamente repressiva. No mundo atual, mesmo com localizados vetores de autoritarismo e candidatos a totalitarismos, não cremos que seja correto conceber a vigência presente de uma cúpula linguística global. Mas as *fake news* e algumas expressões dúbias, enganadoras, falaciosas, ou o seu uso nesse sentido, ou com essa intenção, devem colocar os cidadãos amigos da clareza de linguagem e pensamento (condição da democracia) de sério sobreaviso. Por vezes, a linguagem começa a ficar empastada de trambolhos e tropeços sem que nos vamos dando conta disso. O que pode parecer apenas uma moda pode entorpecer a limpidez de ideias e a frontalidade de denotação do discurso. Até a propriedade das conotações e das metáforas.

Naturalmente, os casos de que vamos falar serão apenas bordões de linguagem ou pouco mais, mas fica a chamada de atenção, para que não possamos derrapar para uma linguagem menos amiga dos pontos nos “ii”.

Temos tido (talvez felizmente, porque são indícios de importantes mudanças de mentalidade) expressões interessantíssimas na ribalta. Uma simples contabilidade da frequência do seu uso nos indicaria quais, não fosse o seu “incontornável” (outra das palavras novas, embora um pouquinho mais antiga já) significado.

Tivemos (e temos), por exemplo, as “narrativas”, que continuam a servir de *passe-partout* para imensas articulações argumentativas e construções fáctico-interpretativas.

Tivemos (e temos) um subtil tipo de “crenças”, formuladas na repetidíssima expressão “acredito que”, fórmula que permite dizer o que se queira aparentemente sem consequências ou responsabilidade. Porque, na verdade, como se vai culpar (ou sequer confrontar, responsa-

bilizar) alguém por meramente acreditar em algo? Simples (mas sagrada) liberdade, nem sequer de expressão apenas, mas de convicção... Seria o que mais faltava! Mas, como é óbvio, com esse mecanismo é possível (não dizemos que sempre, mas por vezes) atirar pedras escondendo as mãos...

Depois das narrativas e das crenças, este povo cauteloso que somos permeabiliza-se a uma nova invenção mediática (não *acreditamos* – mas agora não acreditamos mesmo, sem eufemismos – que estas coisas nasçam nos cafés, nos mercados, nas escolas...). Ela nos incitou a estas linhas: a *percepção*.

Já correram bons rios de tinta sobre o tema. Não podemos esquecer, porém, e em rigor sociológico, que as percepções também são factos. Não podem, pois, ser desvalorizadas como se se quedassem no terreno das simples impressões mentais (e mesmo essas...). As percepções, sobretudo se externalizadas, são factos sociais. E parece que estão a ter um peso considerabilíssimo, quer no discurso ideologizado de atores sociais, quer no de muita comunicação social.

Evidentemente, é de boa higiene social, mediática e política, sublinhar e divulgar a diferença, e por vezes a enorme contradição, entre o que se passa, e o que se pensa que se passa, ou até se imagina ou gostaria (ou se teme) que se passe. No seu precioso *Da História-Crónica à História Ciência*, J. Barradas de Carvalho cita (entre muitos) *O Capital*, III: “Toda a ciência seria supérflua se a aparência e a essência se confundissem”. *Hoc opus hic labor est*.

Obviamente que a situação mais aguda é a da criminalidade: não deixa de ser um problema de patologia social se a comunicação social, *opinion makers*, etc., insistem na narrativa de uma percepção de insegurança, mesmo que dados fiáveis, independentes, ou de autoridades credíveis, indiquem fortes fatores que indicam o contrário.

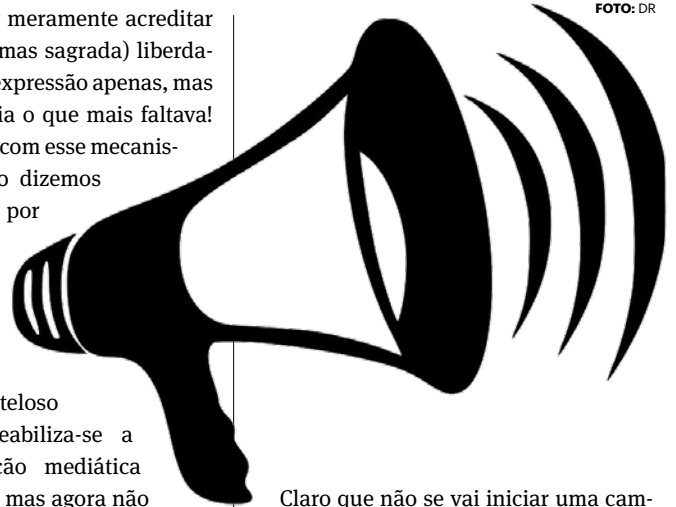


FOTO: DR

Claro que não se vai iniciar uma campanha de repressão como uma caça às bruxas (acreditando-se que não há bruxas). Dir-nos-ão alguns: *pero que las hay!* Não estamos num momento fácil. A vozearia no espaço público tem versões para todos os gostos, mas há quem grite muito alto e diuturnamente, e parece que há alguns que (talvez seja um *ethos* fatalista? Mas não se fale nisso! Ironizamos!) gostam mesmo do “quanto pior, melhor”. Sinceramente, para quem viveu num país pequenino, a preto-e-branco, pobre, subdesenvolvido, provinciano, preconceituoso, fechado, amordaçado, e vê o que hoje somos – e sobretudo a potencialidade do que poderemos vir a ser – acha que esses velhos do Restelo são muito mal-humorados e até mal-agraçados.

É verdade que virão aí desafios difíceis, mas temos democracia e diz-se que estamos com os cofres razoavelmente “almofadados”. Sem dúvida que uns vivem (muito) melhor que outros. Compete aperfeiçoar a sociedade que temos, não passar a vida a maldizer.

Olhem a televisão, e comparem o que realmente se passa em tantos países do Mundo, e a vida quotidiana aqui vivida. Estamos longe do paraíso, mas num dos melhores lugares do globo. Todos estivessem como nós!

Traduzamos em novilíngua: Acreditando que Portugal é um belo país, precisamos de uma narrativa que mude a percepção que de nós temos.



Rudesindo Soutelo

compositor e mestre em
Educação Artística e Ensino de Música

O Bardo na Brêtema

A herdade churrigueresca

Dois dias após o exame final na Suíça, regressei a Madrid. Vim-me embora sem sequer pagar as taxas do diploma e, só dois anos depois, o meu professor foi recuperá-lo para mo oferecer como prenda de anos. Não suportava permanecer mais um dia naquele país de sonho, mas sonho aborrecido. A gota que colmou o copo da minha paciência aconteceu no dia da prova ter sido amedrontado por um polícia despótico, procustiano e lancinante porque ao atravessar a rua, me desviara meio metro das linhas brancas da passadeira. Aquele guardião da ordem absoluta não podia tolerar que o relógio de cuco instalado no seu crânio pacóvio pudesse sequer desafinar o enunciado genuíno, certo e exato das horas.

O contacto com o Mestre continuou e até se intensificou já que organizei vários cursos onde recrutou alunos criativos para estudarem com ele na Suíça. O meu relacionamento com Janos Meszaros ia para além do trato normal de professor-aluno, e sonhávamos com um mundo melhor que aquele da bela adormecida helvética. Queríamos experimentar uma escola de música ali onde as dificuldades aguçam a imaginação. Assim, na primeira vez que o levei a Madrid, indagamos a possibilidade de conseguir uma casa, que eventualmente pudesse trocar com a dele na Suíça, e servisse de Akhademia platónica da música. Encontramos um palácio, mas antes de visitá-lo, alguém nos pôs em contacto com um arquiteto do governo autónomo que, depois de ouvir a nossa ideia, apresentou-nos os planos de um povo barroco, da autoria de José de Churriguera, que precisava de conteúdo para ser restaurado. Era o novo conceito de Património cultural que a União Europeia começava a impor, orientado para as pessoas, mais do que para os objetos, entendendo a cultura como criação humana. A nossa ideia inicial era muito modesta para aquele imenso conjunto artístico-monumental e, já na primeira visita, começamos a ‘construir’ o projeto da Escola Internacional de Música de Nuevo Baztán, que entregamos antes de acabar aquele ano de 1986.

A decadência daquele património arquitetónico produziu-se, como afirma Guilherme d'Oliveira Martins, pela confusão



Palácio de Nuevo Baztán (Madrid).

entre memória e repetição. Repetição que, se não há capacidade de renovar, produz falta de memória, amnésia histórica e cultural, subalternização que conduz à irrelevância¹. Walter Benjamin apontara para a perda da aura “do seu valor de uso original e primeiro”² e Jacques Attali, falando da economia política da música, afirma que “a repetição reduz o consumo mercantil da música a um simulacro da sua função original, ritual”³. O nosso projeto fazia ênfase na inovação, na modernidade, na criação cultural contemporânea, na pedagogia criativa. Compreendi aí que “a grande narrativa da modernidade não desaparecera; os seus elementos foram simplesmente redistribuídos numa outra configuração”⁴. Não existia um tempo ‘pós’, era um tempo contra o outro tempo. Aquele projeto era a saída de uma situação de menoridade musical, mas os tempos da política, dos personalismos e dos interesses partidários eram outros e nós carecíamos de uma rede de intrigantes políticos e económicos para movimentar as vontades. “Não há arte sem alucinação coletiva, mas a alucinação deve ser estruturante”⁵.

Aquele conjunto histórico-artístico é fruto das ideias do iluminismo que Juan de Goyeneche, fundador do povoado de Nuevo Baztán, em 1709, a cinquenta quilómetros de Madrid, ideou para modernizar a economia industrial espanhola. Uma utopia cativante que funcionou durante alguns anos, mas que sucumbiu à morte do seu promotor. A inspiração do futuro alicerça-se nessas utopias fracas-

sadas que semeiam o porvir. Alegro-me saber que outros projetos de escolas, com poder para movimentar vontades, conseguiram implantar-se. Fiquei, pois, liberto para outras utopias musicais que tento plasmar na atividade criativa, mas sempre com a premissa de talvez virem a ser novos fracassos que semeiem o futuro, porque o sucesso pessoal é irrelevante se não contribuir para o avanço da sociedade.

Digo aos alunos que há duas formas de viver a música: ‘de’ e ‘para’. Viver ‘da’ música é uma forma de ganhar a vida ou mesmo de fazer fortuna. Há mesmo cursos de estratégias comerciais para que os músicos aprendam a banalizar a sua função social e se adaptem melhor ao mercado, mas se o retorno económico recebido não cumpre as expectativas muito provavelmente vão ponderar outras formas mais lucrativas de viver. Viver ‘para’ a música exclui qualquer fantasma económico, de sucesso ou glória, pois isso só atrapalha a transcendência, que é o único que nos interessa da história e o que nos impele a ultrapassar as misérias do poder.

¹ Martins, G. de O.: *Património, herança e memória. A cultura como criação*. Lisboa: Gradiva, 2009, p. 15.

² Benjamin, W.: A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936-1939). Em *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992, p. 82.

³ Attali, J.: *Ruidos. Ensayo sobre la economía política de la música*. Valência: Ruedo Ibérico, 1977, p. 178.

⁴ Rancière, J.: O tempo da emancipação já passou? Em R. Silva, & L. Nazaré, *A República por vir - Arte, Política e Pensamento para o século XXI*. Lisboa: F. Gulbenkian, 2011, p. 75.

⁵ Mondzain, M.-J.: Nada Tudo Qualquer coisa - Ou a arte das imagens como poder de transformação. Em *Ibid.* p.116.

Os Tesouros Secretos do MMIPO...

Maria Antónia Jardim é a formadora do workshop “Os Tesouros Secretos do MMIPO e a Arte Terapia...” e ainda uma homenagem a Van Gogh” que o Museu e Igreja da Misericórdia do Porto organiza nos sábados de 22 de Março, 5 e 12 de Abril, entre as 10 e as 13 horas. Com os objectivos de “perceber o que é a Arte Terapia e a sua importância nas histórias de vida; compreender o poder do retrato e do auto-retrato; o que narram os rostos...; reconhecer os tesouros do MMIPO e a memória dos objectos; observar a importância e função simbólica de algumas peças de arte; e celebrar a genialidade de Van Gogh e relacioná-la com o museu, a formação em três sessões, que podem ser frequentadas na totalidade ou individualmente, tem como destinatários público em geral e sem necessidade de conhecimento prévio da temática. [Inscrição: mmipo@scmp.pt]

“Primavera Festival da Flor”

A iniciativa cultural “Primavera Festival da Flor” vai decorrer em Paredes de 21 de Março a 13 de Abril, com uma programação variada, tendo como “objectivo o alavancar do turismo e da cultura no concelho”.

“Aventuras da Páscoa na Biblioteca” de Paredes

A Câmara Municipal de Paredes promove mais uma edição dos serviços educativos, na Biblioteca Municipal, sob o lema “Aventuras da Páscoa na Biblioteca”, destinados a crianças dos 6 aos 12 anos. O programa visa a ocupação do tempo livre durante as férias da Páscoa e decorrerá de 14 a 17 de Abril, sendo que as inscrições decorrerão de 24 de Março a 7 de Abril [www.cm-paredes.pt]. Serão quatro actividades, que se desenvolverão das 14 às 17 horas, na Biblioteca Municipal de Paredes.

Teatro na Póvoa

O Cine-Teatro Garrett, na Póvoa de Varzim, recebe em Março o musical “O Livro da Selva” – dia 15, às 16 horas – e “Menopausa” – nos dias 18 e 19, às 21h30, com Cláudia Raia. Esta é uma peça que “retrata situações vividas por mulheres no seu “segundo acto” de vida, através de cenas curtas e números musicais com várias personagens, divertidas, honestas e, por vezes, dramáticas. As cenas reflectem as inquietações, angústias, sonhos e desejos impactados pela maturidade e pela incontornável menopausa”. Por seu lado, “O Livro da Selva” é um espectáculo para toda a família na versão espanhola do clássico ambientado na selva indiana.

Sebastião Feyo é Medalha de Ouro CIBIQ 2025

Sebastião Feyo de Azevedo, anterior vice-presidente Nacional da Ordem dos Engenheiros, actual presidente da Academia de Engenharia e também presidente da Mesa da Assembleia Municipal do Porto, foi distinguido com a Medalha de Ouro CIBIQ 2025, em reconhecimento pelo seu percurso profissional, bem como pela dedicação contínua à promoção dos interesses da Engenharia Química. “É um gosto doce e uma honra receber esta distinção proveniente dos meus pares ibero-americanos, tendo a ilusão de que para lá de ser, obviamente, agradável para mim, pode ser um incentivo de trabalho para os mais novos e útil para a consolidação do prestígio da engenharia portuguesa, em particular da engenharia química, no plano internacional”, afirmou o homenageado. A cerimónia de atribuição da distinção terá lugar no dia 8 de Setembro em Lisboa, por ocasião da realização do 3.º Congresso Ibero-americano de Engenharia Química (CIBIQ), em associação com o 15.º Congresso Europeu de Engenharia Química. Sebastião Feyo é também presidente da Direcção da Associação Círculo de Estudos do Centralismo (ACEC).



Apresentação de “Conversas no Café Guichard”

Na próxima sexta-feira (14 de Março) será apresentado o livro “Conversas no Café Guichard”, organizado e com prefácio de José Viale Moutinho. Integrando-se nas comemorações dos 200 anos do nascimento de Camilo Castelo Branco, a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto tem na apresentação da obra a sua primeira iniciativa, que terá lugar na própria

instituição a partir das 18 horas. Na sessão, Viale Moutinho, que tem dedicado diversas obras a Camilo, nomeadamente a única fotobiografia do escritor, falará sobre aspectos menos conhecidos da vida e da obra do autor de “Amor de Perdição”. O poeta José Queiroga fará a leitura de alguns textos praticamente desconhecidos de Camilo e estará patente uma exposição bibliográfica.

Dia de Raul Brandão

Hoje (12 de Março), dia em que se assinalam os 158 anos do nascimento de Raul Brandão, ocorrido na Foz do Douro em 1867, o Progresso da Foz e o Orfeão da Foz do Douro levam a cabo o Dia de Raul Brandão, a partir das 17 horas. “Raul Brandão sobre Camilo Castelo Branco nos seus 200 anos” será o tema da abertura da sessão por Joaquim Pinto da Silva, seguida da conferência “A Pessoa Inventada de R. Maria: A Criação Nefelibata de Raul Brandão e João da Rocha”, proferida por Manuel Curado. O encontro tem lugar no Orfeão da Foz do Douro (no Porto).

Festival de teatro “Terras de Camilo”

Está a decorrer, até 27 de Abril, em Vila Nova de Famalicão, o 18.º Festival de Teatro Amador “Terras de Camilo”. As sessões têm lugar no auditório do Centro de Estudos Camilianos, em Seide São Miguel, com entrada gratuita, sujeita à lotação do espaço. Organizado pelo município e pelo Grutaca - Grupo de Teatro Amador Camiliano, o evento conta ainda com uma programação paralela, nomeadamente a oficina de teatro “Técnicas de Improvisação”, orientada por Ana Azevedo, com inscrição gratuita e obrigatória. As sessões acontecem igualmente no Centro de Estudos Camilianos e os formandos sobem ao palco do mesmo espaço para mostrar o resultado da oficina no dia da Revolução dos Cravos, a 25 de Abril, pelas 16 horas, com uma performance a partir do tema “Amores de Perdição”. [Programação: www.famalicao.pt]

Dia Mundial da Poesia no CCB

Este ano as comemorações do Dia Mundial da Poesia no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, decorrem ao longo do dia 22 de Março (sábado), em vários espaços do CCB. Com entrada gratuita (sujeita à lotação dos espaços), tem a curadoria de Maria do Rosário Pedreira e Filipa Leal. “A voz será dada à poesia, não apenas a quem a escreve, mas também a quem a lê e divulga, ou a quem a canta. Uma sessão de homenagem a Nuno Júdice, que contará com material inédito sobre o poeta; a poesia no fado, com Aldina Duarte; um podcast; ou um atelier de ilustração para os mais novos são alguns dos destaques deste Dia da Poesia, que terminará com uma viagem por 100 anos da moderna poesia portuguesa, com um recital concebido por João Gesta, “reconhecido programador de espectáculos de poesia, propositadamente para esta data”. Recorde-se que o Dia Mundial da Poesia celebra-se a 21 de Março.

“Amadeo(s)” no Museu Soares dos Reis

O Teatro Art’Imagem vai apresentar pela primeira vez na cidade do Porto, no auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, a sua mais recente criação “Amadeo(s)”, uma peça baseada na vida e obra do pintor modernista Amadeo de Souza-Cardoso. As sessões realizar-se-ão de amanhã (dia 13) ao dia 16 de Março, com sessões para público escolar nos dias 13 e 14 (quinta-feira e sexta-feira) às 10h30 e 15 horas, e público geral nos dias 15 e 16 às 16 horas. [Reservas: se.mnsr@museusoa-resdosreis.pt]

Bolsa Amélia Rey Colaço abre candidaturas

A Oficina/Centro Cultural Vila Flor (Guimarães), O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), o Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa) e o Teatro Viriato (Viseu) voltam a associar-se para a 8.ª edição da Bolsa Amélia Rey Colaço, uma bolsa de criação destinada a apoiar a produ-

ção de espectáculos de jovens artistas e companhias emergentes, nacionais e estrangeiros, residentes em Portugal. As candidaturas estão abertas e podem ser submetidas até ao dia 13 de Abril. [Formulário de inscrições: <https://www.tndm.pt/pt/8-edicao-bolsa-amelia-rey-colaco/>]

“O Futuro da Ciência” em debate

A terceira das 11 Conferências do Futuro que a Fundação Gramaxo está a levar a cabo na Maia acontece amanhã (13 de Março), às 21 horas, tendo como tema “O Futuro da Ciência”. Na mesa estarão Alexandre Quintanilha e Carlos Fiolhais, contando com a moderação de Luís Melo. “Duas perspectivas, dois pontos de vista, certamente, alicerçados numa sólida base de conhecimento e experiência pessoal de cada orador convidado e uma moderação que saberá compaginar a riqueza da diversidade de visões, com os contributos que as perguntas do público aportarão a um debate que se quer enriquecedor, plural e vivo”.

A entrada é grátis, mas sujeita a lotação da sala e à prévia inscrição [<https://www.fundacaogramaxo.com/evento/conferencias-do-futuro-o-futuro-da-ciencia/>]

Prémio literário ‘Eufrázio Filipe’

Estão a decorrer, até 21 de Março, as candidaturas ao Prémio Literário e de Estudos Eufrázio Filipe, da Câmara Municipal do Seixal, um galardão que apoia a publicação de obras de literatura e estudos locais. O prémio, com uma periodicidade anual e no valor de cinco mil euros, é atribuído em categorias distintas, de forma alternada: Romance, Novela ou Conto, Poesia e Estudos Locais. Em 2025, a categoria escolhida é a Poesia.

“Memórias Vivas do Jornalismo: Homenagem a Fernando Correia”

A 17 de Março (segunda-feira), a Universidade Lusófona presta o seu tributo a Fernando Correia, desaparecido a 1 de Março de 2024, na sessão “Memórias Vivas do Jornalismo: Homenagem a Fernando Correia”. Fernando Correia foi professor de jornalismo na Universidade Lusófona durante duas décadas e dirigiu a Licenciatura em Comunicação e Jornalismo de 2008 a 2012. Antes de se jubilar, foi distinguido com a Medalha de Ouro de Reconhecimento e Mérito da Universidade Lusófona. A sessão terá início às 16 horas, no Auditório Agostinho da Silva da Universidade Lusófona, em Lisboa.

Candidaturas ao Prémio Matilde Rosa Araújo

A Câmara Municipal da Trofa, com o apoio do Instituto Camões, lança nova edição do Concurso Lusófono da Trofa - Prémio Matilde Rosa Araújo 2025, “um dos mais prestigiados concursos de Literatura Infantil em Língua Portuguesa” e destinado a escritores lusófonos. As obras podem ser entregues em mão na Casa da Cultura da Trofa ou enviadas via correio, em carta registada com aviso de recepção, até 31 de Maio de 2025. O concurso destina-se a autores maiores de idade naturais, naturalizados ou estrangeiros com residência comprovada há mais de dois anos num dos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). [Regulamento em www.mun-trofa.pt]

Feira do Livro do Porto homenageia Sérgio Godinho

Sérgio Godinho será o autor homenageado da Feira do Livro do Porto deste ano. A iniciativa, que decorrerá entre os dias 22 de Agosto e 7 de Setembro, contará com um concerto do artista, autor de romances e livros de poesia, nascido na cidade do Porto. A homenagem acontece no ano em que o autor celebra 80 anos de vida, com uma carreira dedicada às artes, que começou há cinco décadas. Passou pelas áreas do teatro, cinema, televisão, literatura infanto-juvenil, romance, crónica e poesia. Estreou-se na ficção com “Vida Dupla”, um livro de contos publicado em 2014, a que se seguiram outros romances como “Coração Mais Que Perfeito”, “Estocolmo” e, mais recentemente, “Vida e Morte nas Cidades Geminadas”. A programação da Feira do Livro deste ano tem como temas “Amor e Liberdade”. Os 17 dias do evento incluem concertos, sessões de cinema, leituras e mais de 100 espectáculos gratuitos. Para além do concerto do homenageado.

Encerramento de “Olhares Cruzados...”

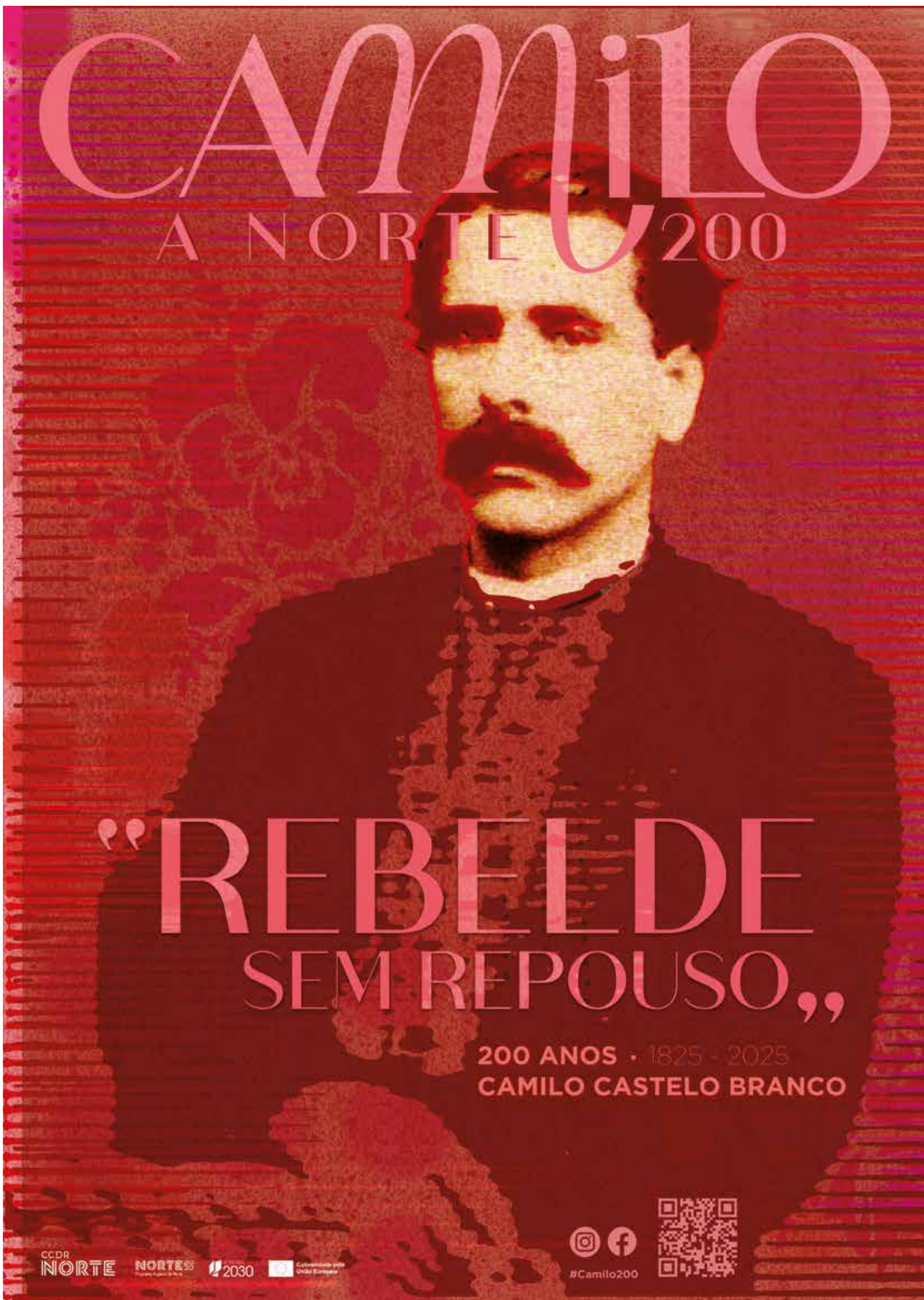
Encerra hoje (12 de Março) a exposição “Olhares Cruzados - Livros de Artista”, patente na sede da Fundação Gramaxo de Oliveira, em Matosinhos, com uma sessão que terá lugar às 17 horas. O momento contará com um momento de fado, por Lúcia Ferreira. Recorde-se que a mostra teve por base o poema “O Sentimento dum Ocidente” de Cesário Verde, assinalando os 170 anos do nascimento do poeta. A entrada é grátis, contudo está sujeita a inscrição por telefone ou por correio electrónico [fundacaogramaxodeoliveira@gmail.com].

Candidaturas ao Prémio Oceanos

Estão a decorrer as candidaturas ao Prémio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa 2025. As inscrições são gratuitas e online. Podem ser inscritos livros escritos originalmente em Língua Portuguesa nos géneros poesia, romance, conto, crónica e dramaturgia, publicados entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro de 2024. O Prémio Oceanos é gerido pela Associação Oceanos em parceria com o Itaú Cultural. As candidaturas podem ser entregues até 17 de Março, às 23h59, (horário de Brasília).

Rota dedicada à Arquitectura Contemporânea

O Norte de Portugal conta com uma nova rota dedicada à Arte e Arquitectura Contemporânea, fruto de um protocolo assinado na Casa da Arquitectura. A iniciativa insere-se no projecto Rotas do Norte, que visa estruturar e dinamizar o turismo cultural na região, promovendo o património arquitectónico e artístico. O compromisso foi formalizado com a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-Norte) e a Casa da Arquitectura, que assumem a responsabilidade conjunta de organizar e promover esta nova oferta turística. O projecto insere-se numa estratégia mais ampla, que inclui outras rotas temáticas, como a dos Jardins Históricos, em colaboração com a Associação Portuguesa dos Jardins Históricos, e a dos Escritores a Norte, através da Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão.



CAMILO

A NORTE 200

“REBELDE SEM REPOUSO,,

200 ANOS • 1825 - 2025
CAMILO CASTELO BRANCO

CCDR
NORTE

NORTE 25
2030

Colaboração pela
União Europeia

#Camilo200

